



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE BACHARELADO EM SOCIOLOGIA**

REBECCA RIBEIRO PATAS DA CUNHA

**LUGAR DE MULHER:
UM ESTUDO SOBRE CANTADA DE RUA E VIVÊNCIA FEMININA DOS ESPAÇOS
PÚBLICOS.**

SALVADOR

2014

REBECCA RIBEIRO PATAS DA CUNHA

**LUGAR DE MULHER:
UM ESTUDO SOBRE CANTADA DE RUA E VIVÊNCIA FEMININA DOS ESPAÇOS
PÚBLICOS.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Bacharelado de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial à obtenção do grau em Bacharel em Sociologia.

ORIENTADOR: PAULO CÉSAR BORGES ALVES

SALVADOR

2014

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, meu orgulho eterno, por seu apoio integral, pela inspiração e amor sem limites. Sou imensamente grata todos os dias por tê-los sempre ao meu lado.

A Paulo César Borges Alves e Leonardo Nascimento, por serem grandes professores e por me permitirem aprender com suas experiências. A Elena Calvo, pela orientação e ajuda.

A Suellen Oliveira, por ser uma irmã do coração, por tanto amor e por me dar o imenso presente de partilhar seus dias comigo. A Rafael Vaz e Renata Martins, por sua amizade incomensurável, minha família adotada por tantos anos. Vocês foram indispensáveis.

A Janaina Avanzo, por seu companheirismo, cafuné e sororidade. A Vinicius Matheus, pela dedicação e (imensa) paciência. A Anderson Cunha, pela ajuda e pela compreensão além dos laços de sangue. Vocês são minha luz no fim do túnel.

A Caio Sérgio Santos, por me encontrar tão certamente nesse mundo de desencontros e me permitir evoluir partilhando de sua amizade. A Allana Martins, por tantos mimos e pela parceria improvável e adorável. A João Pedro, por sua doação interminável de carinho e afeto, pela sua entrega incondicional. A Gabriel Libório, por sua amizade e (adorável) entusiasmo em tantos momentos. A Flávia Faria, pela inesperada amizade, denço e você sabe, gatos e doces. Vocês são insubstituíveis.

Às minhas colegas de curso (Patrícia) Carolina Simões e Ananda Cerqueira, por tornarem minha passagem pela faculdade absolutamente maravilhosa e serem pessoas tão lindas e cheias de luz.

A minha mãe Oxum, que me deu muita vaidade e denço, mas também me ensinou o poder feminino.

Aqui bateu o pé com impaciência, exibindo uma ou duas polegadas da perna. Um marinheiro empoleirado no mastro, que por acaso olhou para baixo neste instante, sobressaltou-se tão violentamente que perdeu o pé e só por um triz se salvou. «Se ver os meus tornozelos pode custar a vida a uma honesta criatura que com certeza tem mulher e filhos para sustentar, manda a mais elementar humanidade que os traga sempre cobertos», pensou Orlando. As pernas eram, porém, um dos seus maiores encantos. E pôs-se a pensar na bizarra situação a que se chegou quando a mulher é obrigada a cobrir os seus encantos para que um marinheiro se não despenhe do topo de um mastro. «Que os leve a peste!», disse, dando-se conta, pela primeira vez, daquilo que noutras circunstâncias teria aprendido desde criança, ou seja, das sacrossantas responsabilidades da condição de mulher.

(WOOLF, VIRGÍNIA. Orlando – uma biografia. Tradução de Ana Luísa Faria. Lisboa: Relógio D'Água, 1994, 241 p.)

RESUMO

O presente trabalho analisa alguns dos efeitos do fenômeno cotidiano na vida das mulheres conhecido como “cantada de rua”. O objetivo foi compreender de que forma acontecem as interações não autorizadas em espaços públicos, geralmente acompanhadas de uma conotação afetivo-sexual, por homens desconhecidos e quais as consequências no comportamento das mulheres no espaço público. A partir de entrevistas preliminares foi elaborado um questionário e aplicado a 51 estudantes de um mesmo campus da Universidade Federal da Bahia. Os resultados apontam que este fenômeno social é presente no cotidiano dessas mulheres e têm impacto sobre suas decisões e sobre a forma como vivenciam o espaço público. Estudos exploratórios como este servirão para preencher a lacuna acerca do tema, que se torna cada vez mais necessário devido à sua relevância e sua presença cada vez mais constante nas discussões sobre violência de gênero.

Palavras chaves: cantada de rua; assédio; estudantes universitárias; espaço público; gênero.

ABSTRACT

This paper examines some of the effects of the phenomenon in everyday life of women known as "cantada de rua." The objective was to understand how happen unauthorized interactions in public spaces, usually in affective-sexual overtones, by stranger men and the consequences on the behavior of women in the public space. Based in preliminary interviews, a questionnaire was developed and applied to 51 students from the same campus of the Universidade Federal da Bahia. The results indicate that this social phenomenon is present in the daily lives of these women and impact their decisions and how they experience the public space. Similar exploratory studies will serve to fill the gap on the subject; it becomes increasingly necessary due to their relevance and their constant presence in discussions about gender violence.

Key words: cantada de rua; harassment; university students; public space; gender.

SUMÁRIO

ÍNDICE DE FIGURAS E GRÁFICOS	11
1. INTRODUÇÃO.....	12
2. GÊNERO, PAPÉIS SEXUAIS E RELAÇÕES DE GÊNERO	15
3. MULHERES E A DICOTOMIA PÚBLICO-PRIVADO	22
3.1 MULHERES, RUA E O CASO BRASILEIRO.....	25
4. ASSÉDIO DE RUA E CANTADAS-DE-RUA.....	29
5. CANTADA DE RUA E IMPACTO SOBRE AS MULHERES	35
6. METODOLOGIA.....	38
7. RESULTADOS E DISCUSSÃO.	41
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	60

ÍNDICE DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1. Relato de cantada de rua na comunidade Cantada de rua - conte o seu caso.....	31
Figura 2. Membros do Hollaback ao lado de um anúncio do grupo no metrô da Philadelphia, Pensilvânia, Estados Unidos.....	32
Figura 3. Idade das entrevistadas.....	41
Figura 4. Estado civil das entrevistadas.	42
Figura 5. Interação sem consentimento.....	43
Figura 6. Tipos de interação.....	43
Figura 7. Locais de ocorrência.....	45
Figura 8. Percepção sobre o impacto da cantada.....	49
Figura 9. Evitar as interações.....	50
Figura 10. Reação às interações.....	50
Figura 11. Cartaz da Marcha das vadias 2013 em São Paulo.....	52
Figura 12. Diferenciação por espaços.....	55
Figura 13. Diferenciação com companhia masculina.....	55

1. INTRODUÇÃO.

Há pequenas ações que perpassam a rotina das metrópoles e, que rapidamente são absorvidas do olhar crítico – que precisa ser tão rápido e certo quanto o ritmo da vida nas grandes cidades – a ponto de fazerem parte de fato do cotidiano de quem os presenciam. Os espaços da cidade oferecem a passagem, mas não confundem seus transeuntes: a sua ocupação é impessoal e não há abrigo. É neste espaço de ninguém e de todos, entre cruzamentos, casas e semáforos que se dão relações complexas, concretizadas em pequenos gestos, porém com consequências mais extensas. Conhecido como Piropo¹ em Portugal e nos países de língua espanhola, catcall² nos EUA e “cantada de rua” no Brasil, são os diferentes nomes populares para estas interações não autorizadas em espaços públicos, geralmente acompanhadas de uma conotação afetivo-sexual, por homens desconhecidos, sem consentimento por parte da mulher, com conotações afetivas e/ou a sexuais ou ao corpo feminino. A cantada de rua costuma ser encontrada em qualquer momento da rotina das mulheres, hora, ou local público. Sua existência costuma ser tolerada como um hábito inofensivo e próprio da cidade. As representações midiáticas da prática da cantada de rua, inclusive em propagandas³, são apresentadas geralmente como divertidas e como um aspecto agradável e natural da vida feminina, uma espécie de *feedback* do olhar masculino ao seu corpo, que tende a reafirmar sua beleza e autoestima.

Entretanto, as linhas que demarcam o que é de fato a cantada de rua são confusas e parecem transitar entre uma simples interação entre gêneros com conotação afetiva/sexual e/ou assédio propriamente dito. Neste cenário, o consentimento feminino geralmente é pré-concebido como simpático, não conflituoso, próprio da representação social da mulher como musa, aclamada pela beleza, aparência, para e pelo olhar masculino. Situar a cantada de rua

¹ (PIROPO. In: **INFOPEdia**. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/piropo;jsessionid=ApIeAN4IND47pr8erQ0DgQ__>. Acesso em: 6 jun. 2014.)

² (CATCALL. In: **URBAN DICTIONARY**. Disponível em: <<http://pt.urbandictionary.com/define.php?term=cat%20call>>. Acesso em: 6 jun. 2014.)

³ Yamaha lança aplicativo divertido nas mídias sociais. **Jornal da Nova**, Nova Andradina, 14 maio 2014. Mundo. Disponível em: <<http://www.jornaldanova.com.br/noticia/ve%C3%ADculos/30,21480,yamaha-lan%C3%A7a-aplicativo-divertido-nas-m%C3%ADdias-sociais>>. Acesso em: 6 jun. 2014.
Cleo Pires leva cantada de falso vendedor em novo comercial da Havaianas. **Caderno de Mídia**, Nova Andradina, 19 set. 2013. Disponível em: <<http://www.jornaldanova.com.br/noticia/ve%C3%ADculos/30,21480,yamaha-lan%C3%A7a-aplicativo-divertido-nas-m%C3%ADdias-sociais>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

dentro de uma interação própria das relações de gênero e seus papéis é compreendê-la como resultante e, ao mesmo tempo, formadora de modos de pensar e agir sobre si, o outro, e o ambiente que os conforma. Dentro desta seara torna-se nítida a profunda ligação entre os papéis masculino/feminino e espaço público/privado, assunto caro à teoria social contemporânea (ABOIM, 2012).

Esse trabalho foi concebido como um esforço de situar o tema academicamente, escassamente discutido nos trabalhos brasileiros, sem perder sua origem popular, e, especialmente, ouvir e compreender as percepções femininas sobre o assunto, tendo em vista suas experiências e opiniões. Deste modo, a pergunta que orienta este trabalho foi: quais as consequências no comportamento das mulheres no espaço público quando ocorrem interações não autorizadas nesses espaços, geralmente acompanhadas de uma conotação afetivo-sexual, por homens desconhecidos, quais os impactos nessas mulheres, e se há efeitos diretos na sua ocupação do espaço público, e sim, quais. E a hipótese levantada é que o cotidiano feminino no espaço público não apenas é impactado pela cantada de rua, como também estratégias para conviver com essa prática são criadas e orientam a relação mulher com esses espaços.

O objetivo principal do trabalho foi compreender como essas práticas afetam o cotidiano das entrevistadas; os objetivos secundários como esta ocorre, quais as maneiras desta interação, descrever quais as reações e se houve diferença entre abordagens na rua sozinha ou com a companhia masculina sob a percepção das entrevistadas. A ferramenta utilizada para obtenção destas respostas foi um questionário, aplicado na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia às estudantes universitárias. A perspectiva teórica para análise da cantada de rua foi pensar a prática ligada a performatividade de gênero e às relações de poder entre homens e mulheres, tendo como base Judith Butler e suas teorizações em atos performativos de gênero, Irving Goffman e suas valiosas contribuições fenomenológicas em papéis sociais e a disposição dos sexos em duas classes, que possuem diferentes tratamentos, experiências e socializações.

No primeiro capítulo, há a discussão da categoria gênero, sobre performatividade e dos duplos padrões e das normas sociais para ambos os gêneros. No segundo capítulo, a relação público-privado como práticas que definem espaços de gênero, repartindo-os respectivamente como masculino e feminino, como nos estudos clássicos de Roberto da Matta e as leituras feministas da dicotomia público-privado. O terceiro capítulo foca-se sobre a cantada de rua e os estudos e movimentos que trataram sobre o tema. Micaela di Leonardo torna o problema do assédio de rua um assunto teórico da pauta feminista e disserta sobre suas razões e soluções. No quarto capítulo, as cantadas de rua e o impacto sobre as mulheres. Autoras como

Cheryl Bernard e Edit Schlaffer, Tracy Lord, Fairchild e Rudman trabalham com o problema do assédio de rua e assédio de estranhos e objetificação feminina, solidariedade masculina, anonimato, e restrição de movimento. Na metodologia e as descrições das perguntas do questionário e as explicações acerca das escolhas. Nos resultados e discussão, há a exposição das respostas e a análise frente ao que foi discutido.

2. GÊNERO, PAPÉIS SEXUAIS E RELAÇÕES DE GÊNERO.

A categoria gênero é um produto oriundo dos movimentos sociais e dos esforços para dialogar teoricamente com demandas além-universidade, mas também um resultado de correntes de estudo acadêmicas que se propuseram um debate mais teórico e conceitual. Pode se dizer que gênero surge da necessidade de explicar uma raiz social para o problema da desigualdade. Os primórdios desta categoria, portanto, não podem ser dissociados do movimento feminista, especialmente entre as feministas americanas. A chamada primeira onda do feminismo, que circunscrevia um universo muito particular de mulheres, mas que já questionava um duplo padrão para homens e mulheres, como acesso a educação, trabalho, voto, ou seja, já implicava em uma desigualdade socialmente legitimada. As mulheres que protestavam pelo direito de votar, as sufragistas, ficaram conhecidas como as feministas da primeira onda. (LOURO, 2004)

A segunda onda eclode em meados dos anos 60, quando novos atores sociais formavam novos movimentos questionando opressões antes naturalizadas, como repressão sexual, sexismo, materialismo e consumismo. A cultura e a identidade se tornaram questões, e o feminismo se reinventou como política de reconhecimento (FRASER, 2007). Enquadrado neste contexto de efervescência social, protestos tomam forma nas ruas, mas também em revistas e artigos, apoiados em obras fundamentais dos estudos da mulher e de pioneiras como Simone de Beauvoir e Betty Friedan (LOURO, 2004). Se a segunda onda contestava a dominação e reclamava a igualdade, a terceira onda traz com mais força o chamado feminismo da diferença. Nesta fase, as particularidades das opressões se tornam nítidas, e classe, raça e orientação sexual cruzam-se para trazer um feminismo mais inclusivo. Esse debate foi proposto, sobretudo, por feministas lésbicas e negras. (DE LUCENA, 2008)

No Brasil, o período da segunda metade da década de 70 até meados de 80 foi marcado pela crise econômica, pela inflação, e pela presença dos movimentos sociais e suas demandas. Antes da transição “lenta e gradual” de regime militar para o democrático, as mulheres participavam dos movimentos sociais constituindo parte importante das lutas deste momento. O movimento de mulheres nos anos 70, cujas militantes estavam engajadas em movimentos de esquerda e democráticos, traziam novos questionamentos sobre a mulher, ampliando-se e focando-se na opressão de gênero e classe. O caráter ainda era bastante heterogêneo e imediatista, ou seja, um feminismo que não questionava variáveis

interseccionais como racismo, homofobia, próximo a igreja católica e que pedia condições iguais. Nesse sentido, a própria vivência das exiladas contribuiu para uma mudança no pensamento sobre a vida das mulheres (SARTI, 2001).

Miriam Pillar Grossi (1998) nos lembra da diferenciação dos Estudos da Mulher, que focam na condição feminina, e os Estudos de gênero, que passam a questionar a determinação biológica e o viés masculino da história. O conceito de gênero, advindo das pesquisadoras norte-americanas, já falava em “origem social”. Joan Scott resume a categoria:

O gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. (...) O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. (SCOTT, 1994)

Essa visibilidade do tema feminino causado pelo movimento de mulheres se refletiu na universidade com a explosão das categorias mulher, gênero, feminilidade e masculinidades, acompanhando a terceira onda do feminismo e a Teoria *Queer*. A Teoria *Queer*⁴ problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação, em um estranhamento com os pressupostos heterossexistas da teoria social, que igualava heterossexualidade à ordem social. Os teóricos *queer*, com influência das obras de Michael Foucault e Jacques Derrida, compreendem a sexualidade como um dispositivo histórico do poder. “Os estudos *queer* sublinham a centralidade dos mecanismos sociais relacionados à operação do binarismo hetero/homossexual para a organização da vida social contemporânea, dando mais atenção crítica a uma política do conhecimento e da diferença”. Como ferramenta, Teoria *Queer* mostra que identidades são inscritas através de experiências culturalmente construídas em relações sociais (MISKOLCI, 2009).

A categoria gênero se torna uma ferramenta de análise fundamental para as Ciências Sociais. Englobando os avanços e mudanças sofridas durante os processos históricos que a significaram, a categoria se torna profundamente ligada à interseccionalidade. Gênero se percebe enquanto um fator que não pode ser tomado separadamente de outros:

⁴ O termo *queer* é um xingamento que significa anormalidade, perversão e desvio. (MISKOLCI, 2009)

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p. 177)

Erving Goffman propôs que o sexo era o código fundamental onde interações sociais e estruturas sociais são construídas. Em seu artigo sobre o arranjo entre sexos, ele descreve como as crianças são separadas em classes sexuais de acordo com seu perfil biológico – seu corpo – e estas classes sofrem diferentes socializações, expectativas, recebem tratamentos diferentes, o complexo chamado identidade de gênero. Goffman (1977) formula ainda que as mulheres seriam o grupo desvantajado e o âmbito da casa com um núcleo de socialização. Ele também compreende identidade como produto social, ou seja, ela não pode ser concebida através de atributos essenciais, mas unicamente processuais. Suas concepções acerca dos processos identitários são derivadas da fenomenologia, colocando o processo de formação do indivíduo e de grupos como consequência da interação humana, produto da alteridade. Deste modo, essa teoria comporta a multiplicidade de identidades, já que estas se formam em relação aos outros e situações variáveis.

Quando o tema gênero emerge no pensamento do autor, “display” é um conceito chave. “Display”, assim como um único elemento fixo de uma cerimônia pode ser considerada um ritual, são os comportamentos emocionais humanos que se tornam formalizados. “Displays”, como uma forma de ritualização, não comunicam ou enunciam algo: eles trazem a evidência do ator com a situação. Dessa forma, se gênero é o correlato cultural estabelecido do sexo, os displays de gênero podem ser considerados como retratos também correlatos. Focando-se nos displays de gênero, Goffman acredita que eles são opcionais. Como, por exemplo, na cortesia masculina, onde assim iniciada, não é necessário aceitar, pode-se declinar polidamente. Entretanto, tendo sido rejeitado, ou seja, se há uma falha nessa performance, há ironia, piada, para marcar o erro.

Pode-se dizer que não há identidade de gênero. Há apenas um arranjo para o retrato de gênero. Não há relacionamento entre os sexos que possa ser caracterizado em algum estilo. Há apenas evidência entre os sexos de coreografar comportamentalmente. E o que esse retrato mostra não é gênero

ou a relação global dos sexos, mas as especiais características e funcionamento do retratado. (GOFFMAN, 1976, tradução nossa⁵)

Teórica *Queer*, Judith Butler trabalha com a categoria gênero a redefinindo como além do contraponto à categoria sexo como natural, dada, como é definido no seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2010),

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado [...] tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. (BUTLER, 2008, p. 59).

Nesse sentido, Butler critica e confirma Simone de Beauvoir que afirma que "não se nasce mulher, torna-se". Para Simone de Beauvoir, gênero é um aprendizado, uma construção, mas a teórica ainda não põe em questão o sexo biológico. Para Judith Butler, o gênero é adquirido e performatizado, mas o também sexo também é uma categoria culturalmente construída, a ação do gênero requer uma performance repetida. Esta repetição é uma reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente e também é a ritualizada de sua legitimação (BUTLER, 2008). Ou seja,

A distinção entre expressão e performatividade é crucial. Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. (BUTLER, 2008, p.201)

O gênero enquanto performático se liberta da natureza e, sendo socialmente construído, gera também significados. As relações entre gênero geram novos signos, mas também reforçam seus papéis.

⁵ One might just as well say there is no gender identity. There is only a schedule for the portrayal of gender. There is no relationship between the sexes that can so far be characterized in any satisfactory fashion. There is only evidence of the practice between the sexes of choreographing behaviorally a portrait of relationship. And what these portraits most directly tell us about is not gender, or the overall relationship between the sexes, but about the special character and functioning of portraiture.

Indo além, gênero é instituído através da estilização do corpo e, por isso, deve ser entendido como a forma mundana que os gestos corporais, movimentos e decretos de vários tipos constituem a ilusão de um “eu” permanente de gênero. (BUTLER, 1988, p.519, tradução nossa⁶)

As relações entre gêneros não apenas derivam das respectivas performances masculinas e femininas, mas elas também são demarcadas por regras sociais, exigem uma complementaridade. O ser mulher e agir como mulher pode ser ensinado de muitas formas e aprendido pelo encontro do que não é ser mulher. Assim, Guacira Lopes Louro (2004, p.24) reforça:

Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas.

Rosa para meninas, azul para meninos. Os papéis são facilmente reconhecidos dentro da estrutura dicotômica de gênero. Nela, se reconhece rapidamente e se corrige o que é próprio de quem e, independente da idade, nas expressões, na postura, nas roupas, no falar, a divisão ocorre sorratamente. Sendo uma construção binária, é reforçada pelo contato com o outro, pela complementaridade simbólica que este oferece. Com a tecnologia, o sexo da criança é previsto antes mesmo de seu nascimento – colocando –a e orientando as expectativas para seus gostos, ambições, aparência e comportamento. A naturalização do gênero tende a tornar sua origem cultural quase imperceptível:

O gênero adquire vida através das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada. São esses sinais exteriores, postos em ação, que estabilizam e dão visibilidade ao corpo. Essas infundáveis repetições funcionam como citações, e cada ato é uma citação daquelas verdades estabelecidas para os gêneros, tendo como fundamento para sua existência a crença de que são determinados pela natureza. (BENTO, 2011)

⁶“ Further, gender is instituted through the stylization of the body and, hence, must be understood as the mundane way in which bodily gestures, movements, and enactments of various kinds constitute the illusion of an abiding gendered self.”

Neste contraponto, cabe o passivo, o menor, o úmido, simpático, o subjetivo, o emocional à mulher. As expectativas em torno do ser mulher residem na sua associação com um homem, e desde muito cedo, ela é incentivada a exercitar o cuidado, o maternalismo, o adorno, a vaidade e o agrado ao olhar masculino. Toda e qualquer expressão de agressividade e sexualidade são desencorajadas – sob a constante preocupação da opinião alheia. Em oposição, a masculinidade exige tais características, sendo os homens privados as reações emocionais e de comportamentos que se aproxime do feminino.

Ao tratar destas polaridades, Pierre Bourdieu nos lembra que “os princípios antagônicos da identidade feminina e da identidade masculina se inscrevem, assim, sob forma de maneiras permanentes de se servir do corpo [...] a naturalização de uma ética.” (BOURDIEU, 2010, p. 38). Ao comparar a sociedade Cabila com a Europa, seu argumento é que a arte de ser mulher é a arte de fazer-se pequena – menor, mais silenciosa, mais reclusa. Através do adestramento dos corpos – masculinização do corpo masculino e a feminilização do corpo feminino – somatiza a relação da dominação, que agora é naturalizada. Para o autor, a dominação masculina, como uma violência simbólica que se imprime dissimuladamente, um conjunto de crenças e valores dos dominantes sendo assimilada pelos dominados. A dominação masculina coloca as mulheres em um estado de dependência corporal, vivendo pelo e para o olhar dos outros (BOURDIEU, 2010). Isso se reforça no seu corpo, nas inúmeras restrições de postura e comportamento:

Aos que objetariam que inúmeras mulheres romperam atualmente com as normas e formas tradicionais daquela contenção, apontando sua atual exibição controlada do corpo como um sinal de liberação, basta mostrar que este uso do próprio corpo continua, de forma bastante evidente, subordinado ao ponto de vista masculino: o corpo feminino, ao mesmo tempo oferecido e recusado, manifesta a disponibilidade simbólica que, como demonstraram inúmeros trabalhos feministas, convém à mulher, e que combina um poder de atração e de sedução conhecido e reconhecido por todos, homens ou mulheres, e adequado a honrar os homens de quem ela depende ou aos quais está ligada, com um dever de recusa seletiva que acrescenta, ao efeito de "consumo ostentatório", o preço da exclusividade. (BOURDIEU, 2010, p. 40).

Espera-se uma conduta sempre humilde e recatada em relação à beleza, corpo e sexualidade, e ao mesmo tempo, uma preocupação constante sobre o que é dito sobre si. O

controle de si, assim como sua imagem, é definido pelo olhar de outrem. Seguindo a linha da complementaridade, é notável que homens se coloquem, portanto, no papel avaliador e apreciador, e ajam no sentido de cortejar e elogiar. Nesta encenação ideal, ambos os lados se conformam.

3. MULHERES E A DICOTOMIA PÚBLICO-PRIVADO.

A dicotomia público/privado, depois de muitas modificações e uso contínuo, tornou-se uma das grandes dicotomias, um binômio fundador, que em diversas disciplinas serve para representar o próprio campo de investigação. Pode-se falar de uma grande dicotomia quando estas mostram a capacidade de dividir um universo em duas esferas, conjuntamente exaustivas, onde todos os entes tenham lugar, e não existam simultaneamente nas duas esferas. Também é preciso uma divisão que é ao mesmo tempo total, compreendendo todos os entes sendo principal, fazendo as outras dicotomias relacionadas a esta ser secundárias (BOBBIO, 1995). Para Bobbio na dicotomia público/privado se encontram ou nela convergem, outras dicotomias tradicionais nas Ciências Sociais, onde, por exemplo, a família pertence a esfera privada em contraposição à cidade ou estado. É preciso lembrar que os conceitos sofrem modificações ao longo da história, e que “público” e “privado” são categorias que aparecem no direito romano, no período feudal, dividindo “privatus - o domínio do senhor, ou seja, o poder fundiário - e como publicus - atributos de soberania” (VENTURELLI, 2010, p. 40), e na modernidade, como a separação da sociedade e do Estado.

As diferentes concepções desta dicotomia foram abordadas pela crítica de gênero. A primeira aceção é o público/privado como elemento chave do liberalismo, ou seja, sua ligação com a divisão entre Estado e Mercado (ABOIM, 2012). Essa concepção focava-se no mercado e tendia a falar sobre homens, sem politizar a esfera doméstica. Considerando que a discussão feminista da dicotomia público/privado pede uma rejeição dos moldes liberais do tema, que importa normas patriarcais (ARMSTRONG; SQUIRES, 2002, 263-264). Pateman, que também se desdobra sobre o tema, lembra que a esfera privada não se considera politicamente, logo, seus assuntos são irrelevantes para a esfera pública, tornando-a uma reorganização do patriarcado:

O poder natural dos homens como indivíduos (sobre as mulheres) abarca todos os aspectos da vida civil. A sociedade civil como um todo é patriarcal. As mulheres estão submetidas aos homens tanto na esfera privada quanto na pública. (PATEMAN, 1993, p.167)

Outra acepção da esfera privada/pública tendem a debater a linha de pensamento clássico cujo trabalho de Hannah Arendt sobre o surgimento e a distinção destas na polis grega, a reunião de cidadãos. Essa divisão se inter relaciona com a separação do mundo comum (polis) e a esfera da necessidade (família). Arendt acredita que o surgimento da esfera pública ocorreu a custo da esfera privada. A *polis*, que reunia homens livres e iguais, era a esfera da liberdade, onde tudo se resolvia pela persuasão. O que a distingue da esfera da família era que esta se configurava como uma junção de pessoas pela necessidade, cujo homem, enquanto animal social, necessitava para a manutenção da existência. Nesse sentido, a família também se diferenciava da polis por ser um centro de severa desigualdade.

A liberdade do chefe da família só era considerada ao adentrar a esfera pública (ARENDR, 1983). Esta concepção das esferas foi resgatada em muitos debates da dicotomia público/privado, por conter os aspectos de assimetria e desigualdade na análise. Essa sua distinção foi focada em torno de gênero pelas discussões feministas. Susan Moller Okin, ao falar sobre as configurações históricas da dicotomia público/privado, analisando seus significados a partir de uma perspectiva de gênero, adota o termo doméstico, para substituir privado, e:

(...) Mesmo no interior da dicotomia público/doméstico, permanece uma ambigüidade, resultando diretamente das práticas e teorias patriarcais do passado, que tem sérias conseqüências práticas - especialmente para as mulheres. A divisão do trabalho entre os sexos tem sido fundamental para essa dicotomia desde seus princípios teóricos. Os homens são vistos como, sobretudo, ligados às ocupações da esfera da vida econômica e política e responsáveis por elas, enquanto as mulheres seriam responsáveis pelas ocupações da esfera privada da domesticidade e reprodução. As mulheres têm sido vistas como "naturalmente" inadequadas à esfera pública, dependentes dos homens e subordinadas à família. Esses pressupostos, como se poderia esperar, têm efeitos de grande alcance na estruturação da dicotomia e de cada uma das esferas que a compõem. (OKIN, 2008, p.307/08)

Sendo um binômio fundador, a dicotomia público/privada foi não apenas revisitada, mas aplicada em diversas áreas, para entrelaçamento de outras dicotomias, além de gênero. As formas como estes são significados sofrem mudanças,

O público e o privado passam por novas transformações e ocorre uma interpenetração entre as duas esferas a partir do século XIX, pois o Estado e a sociedade se misturam em suas funções. Deste modo, verifica-se que novas dimensões para os termos público e privado envolvendo os conceitos de esfera pública e esfera privada sempre aparecem e, com eles, novos comportamentos sociais. O tempo histórico, o espaço social, a linguagem corrente, as ciências políticas e sociológicas, os debates judiciais e várias outras noções correlatas (público leitor, opinião pública, publicidade, poder público, etc.) contribuem para a multiplicidade de significados do que possa ser chamado de público e privado. (VENTURELLI, 2010, p. 40)

A socialização baseada na divisão de gênero, tendo sua base em oposições, tais como dominado-dominante, emoção-razão, úmido-seco, penetrado-penetrante, parece estar também delimitada pela dicotomia privado-público. Enquanto aos meninos o espaço é ampliado – e reforçado pela flexibilidade de suas roupas, além do raro, se não inexistente policiamento de seu comportamento durante brincadeiras que exigem exercício físico e desbravamento dos espaços, - às meninas cabe brincadeiras que exigem pouco ou nenhum movimento, sempre reproduzindo o lar ou ambientes fechados. Essas atividades tendem a reforçar o modelo que seguirão posteriormente, dadas as afirmações populares que avisam o lugar da mulher fora da rua, ou com horário certo para frequentá-la:

Se as mulheres são duramente julgadas em público, a casa parece o único escudo contra esta crítica. Todas as mulheres, além disso são aconselhadas a prevenir crimes fazendo da casa uma prisão ainda maior, Uma recomendação é que as mulheres simplesmente fiquem em casa à noite; outro exorta as mulheres a erguer barricadas. Às vezes, as barricadas envolvem apenas a aquisição prudente de artefatos como fechaduras, cortinas que não admitem luz ou permitir grades, janelas, e outros meios para confundir as espiadas e entradas. Em outros casos, essas estratégias envolvem constante auto-monitorização e muita preparação, mesmo a ajuda de um homem que faz o papel do malfeitor, a fim de avaliar a eficácia das precauções: Uma mulher é dito para ter um namorado, marido ou ex-marido escrutinar sua casa para se certificar de que não há brecha através da qual a entrada, seja física ou visual, pode ser adquirida. As mulheres às vezes são estimulados a pensar em suas casas como menores linhas Maginot e homens estranhos como oportunistas babões: em relação às janelas, não há outra

palavra importante na prevenção: Uma mulher nunca deve ser visível para as pessoas do lado de fora, especialmente se ela está sozinha. Todos, de voyeurs para estupradores e assassinos sádicos, muito menos homens normais, serão atraídos se ele vê um semi-vestido, uma mulher nua, ou até mesmo uma totalmente vestida, mas de forma sedutora, por uma janela sem cortinas. (GARDNER, 2005, p. 28, tradução nossa⁷)

Uma das conseqüências produzida a partir dos múltiplos discursos que consideraram a esfera privada a esfera “verdadeira” da mulher foi a invisibilidade como sujeito, inclusive sujeito da Ciência (LOURO, 2010). Assim, os primeiros estudos femininos continham descrições sobre a vida e trabalho das mulheres, com propostas de integrar o universo feminino, privado, ao mundo social, público. Logo, o slogan da segunda onda do feminismo, “o pessoal é político”⁸, mostra a proposta de expor a dominação masculina e pensar a experiência feminina enquanto privada/doméstica, a fim de torná-la objeto de discussão e promover mudanças (FRASER, 2007).

Historicamente, o espaço público têm sido um ambiente hostil às mulheres, especialmente quando não acompanhadas. Sendo a mulher ligada socialmente aos deveres reprodutivos e às funções da casa, seu ingresso ao mundo público é seguido de confrontos e reafirmações de espaços. Desta forma, a partir de meados do século XIX, o papel da mulher popular é em casa, e não necessariamente no “lar”, pois suas funções são múltiplas e exigem atividades públicas; as mulheres burguesas, no entanto, mantinham-se presas à esfera doméstica. Este período trouxe uma revalorização não apenas dos papéis femininos, mas da esfera privada (PERROT, 2001).

3.1 MULHERES, RUA E O CASO BRASILEIRO.

⁷ “If women are harshly judged in public, the home can appear the only shelter from such criticism. All women, moreover, are advised to prevent crime by making their homes even greater prisons. One recommendation is that women simply stay home at night; another exhorts women to erect barricades. Sometimes the barricades involve only the prudent acquisition of artifacts such as locks, curtains that do not admit light or allow shadow, window grilles, and other means to baffle peeping and entry. In other cases these strategies involve constant selfmonitoring and much preparation, even aid by a man who plays the part of the evildoer in order to judge the efficacy of the precautions: A woman is told to have a boyfriend, husband, or ex-husband scrutinize her home to make sure there is no chink through which entry, either physical or visual, might be gained. Women are sometimes encouraged to think of their homes as minor Maginot lines and strange men as slaving opportunists.”

⁸ Cujá origem é um artigo homônimo da feminista Carol Hanish.

Se o culto a domesticidade e o recolhimento e o confinamento feminino era o ideal para o destino da mulher, as mulheres brasileiras, dentro de raízes patriarcais, não escaparam dessa realidade. O temor do rechaço social as manteve presas entre quatro paredes, com a consonância da medicina – que afirmava sua fragilidade e o domínio do seu corpo versus a racionalidade masculina – e da religião, ao designar o papel central feminino ao lar, até o século XIX, como nos lembra Nancy Vieira,

Nesse sentido, e preciso inculcar no imaginário social a importância da mulher na casa; e preciso investir na delimitação do “lugar da mulher” na esfera privada, onde se reservam as atividades domésticas, o amor familiar, o cuidado com os filhos e o marido; e preciso fazer uso de uma “maquinaria de controle” responsável pelo endosso do papel da mulher como a deusa-lar, a guardiã / anjo do lar; inclusive mitificando esse espaço como o lugar de recolhimento, em oposição ao mundo exterior — o do trabalho, impessoal e insensível, aquele para o qual a “sensibilidade feminina” não estava preparada para enfrentar. (VIEIRA, 2005, p.33)

A castidade, a humildade e a vida retraída voltada para a família condenava qualquer exposição feminina, o que as restringia não apenas de educação, mas também quaisquer de atividades que incluíssem o espaço público desacompanhadas. Ao adentrar os espaços proibidos, a restrição deveria estar inscrita em seus corpos: o ato de andar devidamente coberta ou protegida por um homem.

(...) há de se considerar ainda que, no caso específico de narrativa de mulheres, a julgar pelas inúmeras referências destacadas na produção literária da autora, os espaços geográficos possíveis de serem ocupados pela mulher da classe social a que ela pertencia eram poucos (...). Aquelas que fugiam a esse padrão eram motivo de rechaço social; as viúvas e as solteiras, para que tivessem acesso as ruas, necessitavam usar um traje especial, as caponas, para que fossem respeitadas, o que não as impedia de ser motivo de zombaria dos jovens. De todo modo, as mulheres de sua classe não andavam a pé, iam em “cadeiras”, conduzidas por escravos de ganho e somente durante o dia; a noite, continuavam a precisar do acompanhamento de um homem. (VIEIRA, 2005 p.119)

Apesar das mudanças advindas com o século XX, a entrada das mulheres nas universidades, mercados de trabalhos, sua maior independência financeira, as bases patriarcais e a socialização de gênero ainda se mantiveram firmes em localizar o lugar feminino no privado (PERROT, 2006, p.146). O homem ao seu lado, com o qual ela pode ganhar acesso não é simplesmente um escudo, garantindo a ela um respeito ao ser ligada ainda que aparentemente, a ele. Ela não seria uma “mulher-à-toa”, ela possui uma companhia. O respeito é um reflexo do respeito entre os homens: ao encarar a mulher como algo que pertence a um outro, reitera o ideal da família patriarcal. Assim, pequenos símbolos de pertencimento ainda restringiam seu livre acesso ao espaço público, geralmente ligados a sua moral e sexualidade. Neste ponto, Roberto da Matta, fez uma análise da sociedade brasileira através das representações femininas do escritor Jorge Amado. Ao tratar de Dona Flor, recente viúva de um malandro, em *Dona Flor e seus dois maridos*, conclui:

Por outro lado, numa sociedade como a brasileira, onde a mulher é englobada jurídica e politicamente pelo marido (embora ele seja englobado por ela dentro da casa - e há exemplos abundantes desta percepção em todos os livros desta fase de Jorge Amado), a viuvez situa a mulher numa terra de ninguém. Não é mais moça, porque não é virgem; mas não sendo mais virgem, não pode sair à rua, porque não tem marido e pode ficar falada. Quer dizer, a viúva, conforme percebe muito bem o autor, tem todas as desvantagens da moça solteira e da mulher casada. (DA MATTA, 1997b, pag 122, 123)

Portanto, o ato de caminhar pelos espaços públicos, ou seja, de se expor, tende a ser uma corda-bamba para as mulheres, colocando em risco sua moral sexual. O medo da crítica e do julgamento andam de mãos dadas com o assédio. Existe o temor da identificação com o espaço da rua, onde a mulher de família pode ser confundida com a “mulher da vida” como alguém que pertence ao mundo do movimento e do anonimato (DA MATTA, 1997a).

A evolução para a igualdade de gênero pode ter trazido conquistas necessárias e importantes, mas as crenças sobre condutas morais femininas permanecem no discurso popular, como mostra a pesquisa do instituto Data Popular⁹ em 2013, onde 69% dos homens entrevistados disseram ser inaceitável que uma mulher saia com amigos(as) sem o marido e

⁹ SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. **Principais dados – Pesquisa Instituto Avon/Data Popular**. Disponível em: < http://www.spm.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2013/11/principais-dados-2013-pesquisa-instituto-avon-data-popular>. Acesso em: 6 jun. 2014.

46% consideram inaceitável que ela use roupas justas e decotadas. O discurso implícito é que o espaço além-casa pertence aos homens e, que, conseqüentemente, há reprimendas às mulheres que decidirem penetrá-lo, ao menos sem a tutoria masculina.

Embora existam muitos brasileiros que falam uma mesma coisa em todos os espaços sociais, o normal - o esperado e o legitimado - é que casa, rua e outro mundo demarquem fortemente mudanças de atitudes, gestos, roupas, assuntos, papéis sociais e quadro de avaliação da existência em todos os membros de nossa sociedade. (DA MATTA, 1997a, p.48)

As regras do mundo público se estendem às mulheres brasileiras, que têm uma liberdade sexual corroborada por homens no imaginário popular¹⁰, mas que na verdade ainda se encontram sob o jugo dos moldes patriarcais. O que se reflete na pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)¹¹, a afirmação “se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros”, encontrou um alto grau de concordância (58,5%). Mais de um quarto dos homens (26%) concordaram com a afirmação “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”.

¹⁰ MARTINS, Ivan. Quem tem medo das brasileiras? **Época**, Ivan Martins, 5 fev. de 2014. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/ivan-martins/noticia/2014/02/quem-tem-bmedo-das-brasileirasb.html>>. Acesso em: 13 jul. 2012.

¹¹ IPEA. Sistema de Indicadores de Percepção Social: Tolerância Social à Violência contra Mulheres. Brasília: **IPEA**, 4 abr. 2014. Disponível em :<http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2014.

4. ASSÉDIO DE RUA E CANTADAS-DE-RUA.

Estou caminhando para casa e um homem bêbado, maltrapilho, está me seguindo, dizendo, “mamãe, oh mamãe, belezinha, por favor, quero trepar com você, sou bom de língua, oh meu bem, POR FAVOR.”

“Oh, deixe-me em paz, você não tem algo melhor para fazer?”, exclamo aborrecida.

Ele ri baixinho e vai embora.

Depois de entrar no vestíbulo do meu prédio, pergunto a mim mesma, o que aquele homem estava tentando fazer? Será que queria me degradar, atacar, estimular sexualmente, elogiar, ou simplesmente, provocar? Deveria eu ficar zangada ou sentir pena dele? E me pergunto: porque eu, afinal?

(DIMEN, 1986, PP. 1-3 apud DIMEN, 1997, p. 44).

O “assédio de rua” (street harassment), com diferentes denominações populares e acadêmicas, aqui no Brasil e no presente trabalho chamado de cantada de rua é, em primeiro lugar uma interação entre homens e mulheres desconhecidos. O anonimato é uma característica primordial para esse contato e os espaços abertos e cuja circulação de pessoas é intensa propiciam não apenas a convivência com estranhos, mas também que este contato tenha um brevidade que permite que os passantes continuem anônimos. A abordagem tem conotação afetivo-sexual e pode acontecer através de palavras, gestos, olhares ou simplesmente sons, e é possível que haja contato físico. O que demarca a “cantada de rua” é a iniciativa masculina, a invisibilidade do consentimento feminino e o difuso contato entre anônimos em espaços públicos. Os estudos sobre o tema têm divergido em nomenclaturas e conceitos, mas convergem nesta demarcação.

Trabalhos importantes sobre o assédio nos espaços públicos, como *Street Smut: Gender, Media, and Legal Power Dynamics of Street Harassment, or Hey Sexy and Other Verbal Ejaculations* de Olatokunbo Olukemi Laniya, nos lembram o quanto é importante nomear o problema, e que usar a palavra assédio (harassment) é importante para definir o que realmente ocorre. No Brasil, a definição jurídica de assédio sexual é introduzida

junto à ao conceito de assédio moral, e segundo a Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego¹², assédio sexual é:

“Todo o comportamento indesejado de caráter sexual, sob forma verbal, não verbal ou física, com o objetivo ou o efeito de perturbar ou constranger a pessoa, afetar a sua dignidade, ou de lhe criar um ambiente intimidativo, hostil, degradante, humilhante ou desestabilizador.”

Através de movimentos sociais, o nome “cantada-de-rua”, como utilizado pelo SOS Mulher em protesto contra cantadas de rua, há mais de trinta anos atrás¹³, tem sido utilizado como único termo no Brasil há décadas para classificar essa interação. O termo “Cantada”, que deriva do verbo cantar na língua portuguesa, tem, sua definição no dicionário Aurélio¹⁴ como “sedução por palavras ou maneiras aliciantes.”. Cantada é a palavra utilizada popularmente para demonstrar interesse em alguém de forma direta, e geralmente tem um sentido leve e divertido. As cantadas podem acontecer em inúmeros momentos e locais, ocorrendo com pessoas conhecidas ou não. A cantada de rua tem ligação com a concepção de rua para o brasileiro, que pode conter um lugar particular ou um domínio mais complexo, “temos, pois, uma acepção global de rua, denotando tudo que diz respeito ao mundo urbano no seu aspecto público, não controlado.” (DA MATTA, 1997b, p. 94). Dessa forma, a classificação da cantada-de-rua pode incluir lugares fechados e privados, mas que contém um caráter mais público dado a grande frequência de pessoas, como universidades e shoppings.

Movimentos ao redor do mundo unem mulheres com o objetivo de combater o assédio de rua, como O *Hollaback!*¹⁵ que contempla 79 cidades e 26 países nos cinco continentes, promovendo campanhas, passeatas e espaços para que as mulheres dividam suas histórias. Também o *Observatorio contra el acoso callejero en Chile*¹⁶ (Observatório contra o assédio

¹² COMISSÃO PARA A IGUALDADE NO TRABALHO E NO EMPREGO. **Assédio**. Disponível em:< <http://www.cite.gov.pt/pt/acite/dirdevtrab005.html>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

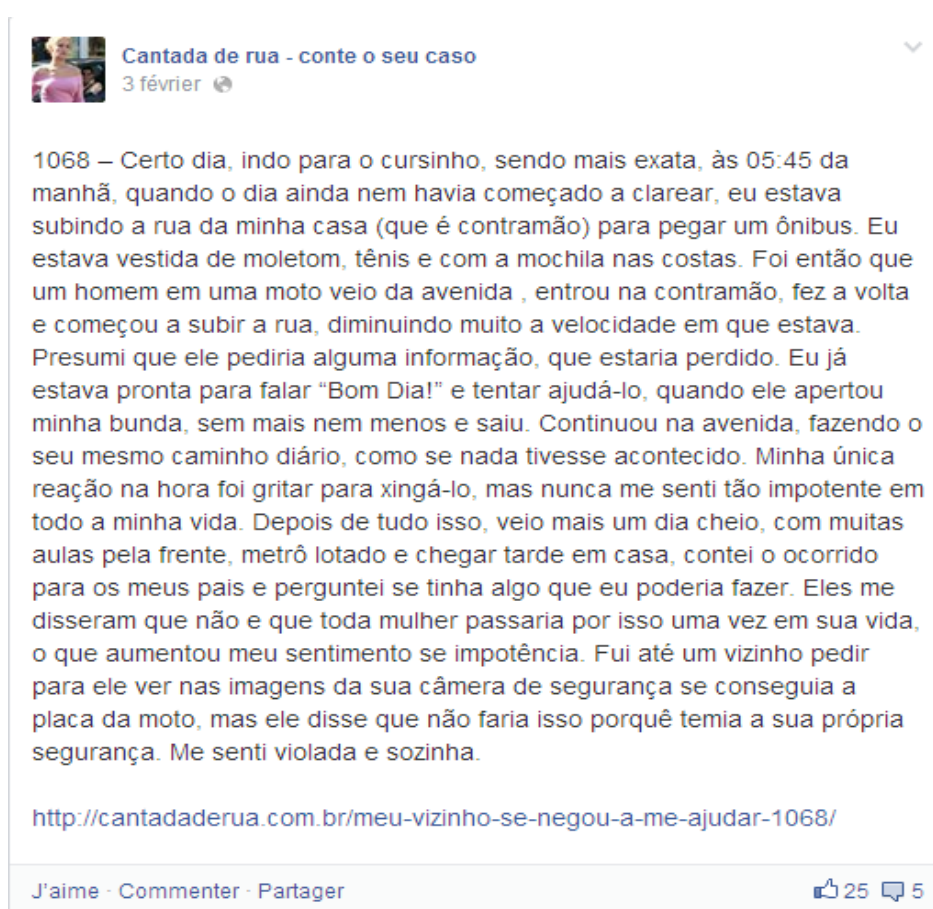
¹³ Teatro no parque para comemorar aniversário. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 dez. 1982. Mundo.

¹⁴ CANTADA. **Dicionário do Aurélio**. Disponível em: < <http://www.dicionariodoaurelio.com/Cantada.html>. >. Acesso em: 13 jul. 2014.

¹⁵ **HOLLABACK!**. Disponível em:< <http://www.ihollaback.org/about/>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

¹⁶ ¡No más! Chilenas se organizan contra los "piropos". **24 Horas**, Chile, 24 mar 2014. Disponível em:<<http://www.24horas.cl/nacional/no-mas-chilenas-se-organizan-contralos-piropos-1145953>>. Acesso em: 16 jun. 2014

de rua no Chile) , criado por sociólogas da Universidade do Chile, abre um espaço em redes sociais para que haja a divulgação de histórias pessoais. Em Paris, na França, o coletivo *Stop harcèlement de rue*¹⁷ (Pare o assédio de rua) promove colagens pela cidade, vídeos e espaço virtual em redes sociais⁵ para a promoção das atividades. No *facebook* comunidades são criadas com iniciativas semelhantes, como o grupo argentino *Paremos el Acoso Callejero* (Paremos o assédio de rua)¹⁸ e o brasileiro *Cantada de rua - conte o seu caso*¹⁹, cujas publicações de histórias anônimas envolvendo assédios na rua e outros tipos de abuso já passam de mil e trezentas postagens, geram interatividade nas trocas de experiências e um maior alcance da discussão.



Cantada de rua - conte o seu caso
3 février

1068 – Certo dia, indo para o cursinho, sendo mais exata, às 05:45 da manhã, quando o dia ainda nem havia começado a clarear, eu estava subindo a rua da minha casa (que é contramão) para pegar um ônibus. Eu estava vestida de moletom, tênis e com a mochila nas costas. Foi então que um homem em uma moto veio da avenida , entrou na contramão, fez a volta e começou a subir a rua, diminuindo muito a velocidade em que estava. Presumi que ele pediria alguma informação, que estaria perdido. Eu já estava pronta para falar “Bom Dia!” e tentar ajudá-lo, quando ele apertou minha bunda, sem mais nem menos e saiu. Continuou na avenida, fazendo o seu mesmo caminho diário, como se nada tivesse acontecido. Minha única reação na hora foi gritar para xingá-lo, mas nunca me senti tão impotente em todo a minha vida. Depois de tudo isso, veio mais um dia cheio, com muitas aulas pela frente, metrô lotado e chegar tarde em casa, contei o ocorrido para os meus pais e perguntei se tinha algo que eu poderia fazer. Eles me disseram que não e que toda mulher passaria por isso uma vez em sua vida, o que aumentou meu sentimento de impotência. Fui até um vizinho pedir para ele ver nas imagens da sua câmera de segurança se conseguia a placa da moto, mas ele disse que não faria isso porquê temia a sua própria segurança. Me senti violada e sozinha.

<http://cantadaderua.com.br/meu-vizinho-se-negou-a-me-ajudar-1068/>

J'aime · Commenter · Partager 👍 25 💬 5

¹⁷ FACEBOOK. **Stop harcèlement de rue.** Disponível em: < <https://www.facebook.com/stopharcelementderue/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

¹⁸ FACEBOOK. **Paremos el Acoso Callejero.** Disponível em: < <https://www.facebook.com/paremoselacosocallejero?fref=ts>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

¹⁹ FACEBOOK. **Cantada de rua - conte o seu caso.** Disponível em:< <https://www.facebook.com/CantadaDeRua?fref=ts>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

Figura 1. Relato de cantada de rua na comunidade Cantada de rua - conte o seu caso. FONTE: FACEBOOK, 2014.²⁰



Figura 2. Membros do Hollaback ao lado de um anúncio do grupo no metrô da Philadelphia, Pensilvânia, Estados Unidos. Neste, lê-se: "Em um mundo perfeito, o que sua Irmã/filha/Namorada ouviria enquanto anda para o metrô? Hey Sexy; Posso ter um sorriso?; O quê, você é gay?; Bom dia! Pena que não vivemos em um mundo perfeito." Fonte: Stop street harassment, 2013.²¹

Micaela di Leonardo (1981), em um dos primeiros trabalhos sobre o assunto, conceitua "assédio de rua":

Assédio de rua ocorre quando um ou mais homens estranhos abordam uma ou mais mulheres em um espaço público que não é seu espaço de trabalho. Através de olhares, palavras e gestos, o homem afirma seu direito de invadir a atenção da mulher, definindo-a como um objeto sexual e forçando-a interagir com ele. (di LEONARDO, 1981, pp.51-52, tradução nossa²²)

²⁰ Disponível em: < <https://www.facebook.com/CantadaDeRua?fref=ts>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

²¹ STOP STREET HARASSMENT. **New Anti harassment transit ads in Philadelphia**. Disponível em: < <http://www.stopstreetharassment.org/2013/04/septaads/>> . Acesso em: 13 jul. 2014.

²² "Street harassment occurs when one or more strange men accost one or more women... in a public place which is not the women's worksite. Through looks, words, or gestures, the man asserts his right to intrude on

A autora analisa o assédio de rua a partir das percepções pessoais e constata: que o assédio tinha aumentado na década de 70 e que era feito por homens de todas as idades e raças. Micaela di Leonardo defende que isso ocorreu por uma retaliação masculina contra a percepção de perda do seu status e perda dos serviços femininos, provenientes da nova postura da mulher frente à sociedade, ocupando espaços públicos, trabalhando fora e também pela própria militância.

O termo assédio de estranhos, cujo conceito é experimentar atração indesejada de estranhos na rua é utilizado pelas psicólogas Kimberly Fairchild e Laurie Rudman. O objetivo do trabalho *Everyday Stranger Harassment and women's objectification* (2008) foi demonstrar que o assédio de estranhos tem implicações negativas no bem estar de mulheres jovens adultas, através da relação com a objetificação, ou seja, serem tratadas como objetos a serem olhados e tocados, e não seres humanos inteligentes. Entrevistando universitárias, também perguntaram sobre o medo de estupro e a restrição de movimento, encontrando uma relação com o assédio de rua.

O termo assédio de rua aparece em artigos mais antigos, como é o caso do trabalho de Cheryl Bernard e Edit Schlafer (1984), onde descrevem um caso pessoal e pontuam a pouca atenção da sociologia para com o tema. Elas dissertam sobre a opinião popular – que constantemente culpa as roupas e a aparência feminina, sobre a passividade da mulher nessa interação e afirmam que a mensagem passada pelo assédio de rua não se relaciona com o tipo de roupa, ou o quão esta mulher é atrativa, e sim de uma demarcação do espaço público como dele, do homem. As autoras buscam compreender a visão masculina sobre o tema. Em entrevistas com 60 homens, perguntados sobre sua motivação, elas contataram que a noção de que as mulheres podem não gostar das abordagens na rua não se davam por pensarem o contrário, mas porque os homens nem mesmo pensavam sobre a prática.

Carol Brooks Gardner, em *Passing by: Gender and public harassment* (1995), classifica os abusos em espaços públicos em três tipos:

- (1) práticas de exclusão, em que um conjunto de indivíduos é proibido ou desencorajado de entrar em alguns ou todos os locais públicos; (2) as práticas de exploração, onde as pequenas liberdades ou intrusões definitivas

the women's attention, defining her as a sexual object, and forcing her to interact with him.”

são praticadas em um conjunto de indivíduos, efetivamente não permitindo-lhes os outros privacidade desfrutar e submetê-los a, por exemplo, conversa, tocar, um exame minucioso, ou estar sendo seguido; e (3) práticas avaliativas, onde um conjunto de indivíduos recebe o parecer avaliativo de estranhos nas situações em que tal avaliação, normalmente, não seja justificada. Um abuso específico pode cair em mais de uma categoria. (GARDNER, 1995, p. 75, tradução nossa²³)

A enquete nacional sobre a violência contra as mulheres na França – a primeira no país sobre o tema – cujo resultado é encontrado em um artigo (JASPARD, M. ET EQUIPE ENVEFF, 2001), analisou o espaço sexista das grandes metrópoles através das respostas, demonstrando o que as autoras chamam de “ataques sexuais”: toques sexuais, tentativas de estupro e estupro propriamente dito. Os “ataques sexuais” são especialmente sofridos por mulheres jovens (22% das entrevistadas de 22-24 anos). O que também predominou nas respostas de mulheres jovens foram confrontos com exibicionistas e serem seguidas com conotação sexual.

Sobre a interseccionalidade ao pensar no assédio de rua, Bowman (2007), enfatiza as diferenças que os assédios ocorrem de acordo com raça, idade e orientação sexual. As garotas jovens têm no assédio de rua sua primeira experiência como um ser sexual, uma experiência vergonhosa. Lésbicas, quando reconhecidas, são assediadas e punidas por não serem heterossexuais. Bowman também mostra que mulheres negras sofrem mais com o assédio, cuja intensidade reflete as relações de propriedade do corpo negro, especialmente quando feito por homens brancos.

Esses trabalhos de diferentes áreas demonstram a importância de se caracterizar a prática da cantada de rua como assédio e, especialmente, de se desdobrar mais sobre sua existência e impacto.

²³ “(1) exclusionary practices, where a set of individuals is forbidden to or discouraged from entering into some or all public places; (2) exploitative practices, where small freedoms or outright intrusions are practiced on a set of individuals, effectively disallowing them the privacy others enjoy and subjecting them to, for instance, conversation, touching, close scrutiny, or being followed; and (3) evaluative practices, where one set of individuals receives the evaluative opinion of strangers in situations where such evaluation is normally not warranted. A specific abuse may fall into more than one category.”

5. CANTADA DE RUA E IMPACTO SOBRE AS MULHERES.

Restrição de movimento, medo de estupro, objetificação, todos esses aspectos foram abordados nos estudos sobre assédio de rua, tudo isto aponta o fato de que essa prática não é inofensiva. Corroborando com isso, os inúmeros movimentos que se dedicam ao tema mostram que a insatisfação e o desagrado das mulheres existe e que a discussão deve ser levada. A cantada de rua existe enquanto resultado de uma exclusão do gênero feminino do espaço público e mantêm a rua como um território hostil, e considerando as necessidades modernas de se locomover ao trabalho, universidade, mercados, e a inevitabilidade de evitar estranhos, o assédio se torna corriqueiro, parte da vida urbana.

Assédio de rua também tem um efeito significativo sobre o discurso do espaço urbano. Quem pode acessar espaços públicos, porquê, e o que isso significa é uma preocupação central para o crescimento e desenvolvimento das cidades, bem como para a compreensão do impacto do assédio de rua. A falta de atenção política para o assédio de rua é uma forma de analisar como os espaços públicos são construídos para ser mais favoráveis a determinados cidadãos. (O'NEILL, 2013, p. 8, tradução nossa²⁴)

A relação com o espaço público pode se tornar uma experiência de alienação da própria feminilidade. Ao sair para caminhar, ela é confrontada com uma definição de feminilidade que a separa dela mesma (DIMEN, 1997). Essa é uma experiência de dominação, pois além de assustá-la, põe em dúvida suas percepções e valores. É também esperado que, sabendo que serão abordadas e que podem sofrer algum tipo de violência e assédio, as mulheres tomem decisões e escolhas, baseadas nas mensagens que são passadas ao temer homens estranhos e a imprevisibilidade dos espaços públicos.

Assédio de rua, no entanto, obriga as mulheres a voltarem para a casa, que se torna o único espaço onde mulheres podem existir livre de comentários

²⁴ “Street harassment also has a significant effect on urban space discourse. Who can access public spaces, why, and what it means is of central concern to the growth and development of cities, as well as to understanding the impact of street harassment. The lack of policy attention to street harassment is one way to analyze how public spaces are constructed to be more amenable to certain citizens.”

assediadores, gestos e toque forçado. Outra forma na qual papéis tradicionais são mantidos é através do uso de homens como "guarda-costas" para evitar o assédio. Se as mulheres entram no espaço público, andar com um protetor masculino é muitas vezes a única forma de evitar um comportamento sexual indesejado. Mais uma vez, o caminho de uma mulher para a segurança depende da boa vontade de um homem e um estereótipo masculino / feminino de protetor / protegido é mantida. (O'NEILL, 2013, p.8, tradução nossa²⁵)

Mesmo não necessitando mais de uma tutoria masculina para ter acesso a determinados espaços, esta é reconhecida como uma tática para a segurança pessoal. Assim, mesmo ganhando liberdade para movimentar-se, o assédio na rua se torna uma pedagogia do lugar feminino, onde mulheres aprendem desde novas a insegurança do mundo público e qual as regras para transitar por ele. O impacto sobre as mulheres pode ocorrer através de mudanças nas suas atitudes, na opinião sobre si mesmas, e até mesmo nos seus corpos (GARDNER, 1995). A forma com a qual a cantada de rua é normalizada e a ignorância da lei em relação a essa prática e o profundo impacto que têm na vida das mulheres (BOWMAN, 1993) têm sido discutida. A Bélgica, devido à grande discussão gerada pelo documentário *Femme de La Rue*²⁶, onde a autora mostrava suas experiências pessoais sendo assediada na rua²⁷, sancionou a lei que torna crime as cantadas a mulheres em vias públicas. Existe uma negligência sobre o assédio em espaços públicos, especialmente aqueles romantizados, os aparentes elogios que as mulheres recebem de homens (GARDNER,1995). Essa pouca atenção permite que a prática não seja problematizada, ignorando os impactos psicológicos até mesmo em jovens e adolescentes, que são também são expostas e passam por estas situações (MEZA DE LUNA, 2013).

O reconhecimento dos problemas que as mulheres sofrem em sua vivência no mundo público está entrelaçado com a exposição e discussão de violência de gênero nesta esfera:

²⁵ "Street harassment, though, forces women back into the home, which becomes the only space where women can exist free of harassing comments, gestures, and forcible touching. Another way traditional roles are maintained is through the use of men as 'bodyguards' to prevent harassment. If women do enter the public space, walking with a male protector is often the only way to avoid unwanted sexual behavior. Once again, a woman's path to safety is dependent on a man's goodwill and a masculine/feminine stereotype of protector/protected is maintained."

²⁶ CAMERA, Mario. Documentário abre debate sobre assédio sexual nas ruas européias. **BBC BRASIL**, 14 d ago 2012. Disponível em <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/08/120814_belga_assedio_ru.shtml> . Acesso em: 18 jun. 2014.

²⁷ ABDALLA, Yasmin. Será o fim do fiiu fiiu? Bélgica aprova lei que condena cantada de rua. **M de mulher**, Abril, 19 maio de 2014. Disponível em: < <http://mdemulher.abril.com.br/bem-estar/reportagem/viver-bem/sera-fim-fiu-fiu-belgica-aprova-lei-condena-cantada-rua-783035.shtml>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

Uma vez que as pessoas reconhecem as formas em que o assédio é prejudicial para as mulheres e para a sociedade, eles podem começar a parar de ver o comportamento como trivial e estarão dispostos a tomar medidas para fazer mudanças sociais. Algumas dessas medidas devem incluir a diminuição da socialização das mulheres a temer estupro e diminuindo a culpabilização da vítima que homens e mulheres, por vezes, atribuem a mulheres sobreviventes de estupro. (LORD, 2009, 59, tradução nossa²⁸)

Logo, pensar sobre cantada de rua não é simplesmente se desdobrar sobre uma interação cotidiana entre estranhos. Este debate crescente se faz necessário para as ciências sociais, já que a cantada de rua traz consigo diferentes aspectos da vida em sociedade, da relação entre gêneros e da experiência feminina na esfera pública.

²⁸ “Once people recognize the ways in which harassment is harmful to women, and to society, they may begin to stop viewing the behavior as trivial and be willing to take steps to make social changes. Some of these steps should include decreasing women’s socialization to fear rape and decreasing the victim-blaming that both men and women sometimes attribute to female rape survivors.”

6. METODOLOGIA.

A aplicação dos questionários sobre a cantada de rua, na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, com as estudantes no período entre aulas, foi auto-administrada, com supervisão apenas para sanar qualquer dúvida que por ventura aparecesse durante o processo. Entretanto, os contatos feitos durante a entrega do questionário, eu me apresentava enquanto estudante/pesquisadora, aos objetivos e o questionário em si, e após, ao perguntar sobre dúvidas e comentários, me proporcionaram conversações que englobavam o tema, perguntas e histórias que enriqueceram as respostas. Além de histórias pessoais e conselhos sobre a organização/conteúdo das perguntas, os quais foram bem recebidos dos e se refletiram nas adaptações para o modelo final do questionário, a surpresa com o tema da pesquisa não foi uma exceção – algumas me pediam para repetir, enquanto outras riam, ficavam mais alertas ou apenas sorriam. A identificação não era simplesmente com o tema – como Babbie (1999) há maior possibilidade de sucesso quando o entrevistador se portar como alguém com o qual o entrevistado possa se sentir à vontade -, e sim, com o fato de uma mulher, com uma aparência similar, e, estudante da mesma universidade, tratar do assunto. A cumplicidade que envolve os problemas femininos permitiu que minha inserção fosse facilitada, que já apresentou poucos problemas devido à pesquisa se dar em um ambiente universitário.

Considerando a necessidade de obter respostas simples e diretas sobre um assunto que não tem definições rígidas, a metodologia escolhida foi um questionário auto-aplicado. O grupo escolhido, estudantes universitárias do sexo feminino, sem faixa etária definida e o local, o campus de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Os motivos para a escolha do grupo era necessidade da obter respostas sobre a percepção feminina da cantada de rua e seu impacto na vida cotidiana de mulheres, dentro de um grupo relativamente variado em idade, condições socioeconômicas, etnia, mas que pudessem estar capacitadas para responder o questionário de forma clara e concisa. O local, a universidade, proporcionaria a proximidade e a atuação dentro da mesma instituição cujo trabalho fosse realizado traria identificação e confiança ao responder. Assim, já pressuporia certo conhecimento das estudantes sobre a existência da monografia e da pesquisa científica, tendo na faculdade de educação a alocação das matérias de licenciatura, obrigatórias nos cursos da modalidade licenciatura, que permitiria maior variedade entre áreas do conhecimento.

O questionário inicialmente foi concebido para ser aplicado com ambos os gêneros, mas foi restringido para focar-se apenas em mulheres, e teve como inspiração questionários *Hollaback!*. Nesse sentido, as informações principais que o questionário deveria trazer eram:

- **Informações pessoais:** sexo, partindo do pressuposto que este é um trabalho que parte de uma perspectiva feminista, e que seja respeitada a decisão de responder ou não, oferecendo masculino, feminino, e prefiro não responder. Idade, para melhor delimitar a faixa etária. Estado civil, cujas opções abriam-se para solteiro, namorando, casado, relações livres e outros. E, por fim, o bairro ou rua que a entrevistada mora, tentando localizar, mesmo que superficialmente, qual o espaço da cidade que ela ocupa.
- **Identificação, classificação, percepção e impacto das interações:** a pergunta inicial desta sessão, “algum desconhecido já interagiu com você na rua sem seu consentimento?”, abre para a tipificação dessa interação, na seguinte, onde é questionado como foi a interação, oferecendo as seguintes alternativas: *Contato visual incisivo; Assovio; Bloqueou sua passagem; Perguntou algo sobre você (nome, número de telefone, etc.); Buzinou; Soltou/imitou sons de beijo; Fez um comentário sobre a sua aparência; Fez um comentário sexual; Fez algum gesto obsceno; Tocou você; Seguiu você; Outros*. Se a resposta outros fosse assinalada, seguia-se a opção para explicar o que foi feito. As respostas assinaladas demonstrariam não só quais as formas nas quais cantada de rua é feita, mas quais as mais frequentes.

Em seguida, pergunto onde a interação ocorreu, com as alternativas: *Calçadas/rua; Ponto de ônibus; Ônibus/van; Entradas de estabelecimentos (lojas, lanchonetes, bares); Dentro de estabelecimentos (lojas, lanchonetes, bares); Entrada de universidade; dentro da universidade; No seu trabalho; Shopping Center; Outros*. Também nesta questão, o objetivo era determinar quais lugares aconteciam e a frequência. Esta pergunta foi aplicada na segunda versão do questionário.

Na sequência, uma questão aberta, perguntando como a entrevistada se sentiu em relação ao que ocorreu. Após, perguntou se as interações de desconhecidos na rua afetam o dia-a-dia, sendo fechada, com alternativas sim, não e não sei/prefiro não responder. Caso a resposta fosse sim, perguntou-se de que forma, no formato de questão aberta. Esta resposta tencionou que as entrevistadas dissessem com suas

palavras que diferença as cantadas trazem para o seu cotidiano. Seguindo a mesma estrutura, foi perguntado se a entrevistada fez algo para evitar interações de desconhecidos na rua, oferecendo como opções de resposta, sim, não e não sei/prefiro não responder. Se sim, segue uma pergunta aberta, “o que você fez?”. Da mesma forma, as entrevistadas poderiam explicar quais as estratégias para evitar as interações.

- **Reação às abordagens:** essa seção, com três perguntas, pretendeu saber das entrevistadas quais as reações que elas tiveram às cantadas. A primeira pergunta questiona se elas já responderam ou tencionaram responder às interações com desconhecidos na rua, oferecendo três opções fechadas, sim, não e não sei/prefiro não responder. Se a questão assinalada fosse sim, uma questão com múltiplas respostas perguntou qual q reação, oferecendo as alternativas: *Respondeu de forma simpática; Iniciou uma conversa; Agradeceu; Ignorou/fingiu não ver; Evitou contato; Retrucou; Encarou; Gesticulou/sinalizou insatisfação; Respondeu ofensivamente; Defendeu-se fisicamente.* Por fim, perguntou-se à entrevistada se ela já teve algum relacionamento amigável/afetivo/sexual com alguém que lhe passou uma cantada de rua, tendo as alternativas, sim, não e não sei/prefiro não responder.

- **Diferenciação das abordagens:** Se existe diferenças entre cantadas no espaço da rua ou em locais fechados, com as opções sim e não, e se a resposta marcada fosse positiva, qual a diferença, objetivando saber se as entrevistadas percebem determinadas regras sociais dos diferentes espaços e se isso tem impacto sobre elas. Se existe diferença entre as abordagens enquanto estão sozinhas e quando acompanhadas por uma pessoa do sexo masculino, com as opções, sim não e não sei/prefiro não responder. E, tendo como resposta sim, qual a diferença, buscando saber se as entrevistadas percebem uma diferença sob a proteção e “tutoria” masculina. Esta pergunta foi aplicada na segunda versão do questionário.

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO.

Para a realização da pesquisa, foram aplicados 51 questionários, cuja escolha das entrevistadas foi realizada os critérios de gênero (feminino) e sua vinculação à Universidade Federal da Bahia como estudante. As entrevistadas estavam na faixa dos 19 a 52 anos, sendo que a maioria destas (51%) estava entre os 20 aos 26 anos. Provindas de 37 diferentes bairros de Salvador, sendo de bairros nobres e tradicionais da cidade de Salvador como a Barra e Graça, bairros de alto padrão como Pituba²⁹ até bairros pobres e de alto índice de violência como a Liberdade³⁰, passando por diversas regiões de Salvador e região metropolitana. Eram em maioria solteiras, em relacionamento (namoro) e casadas.

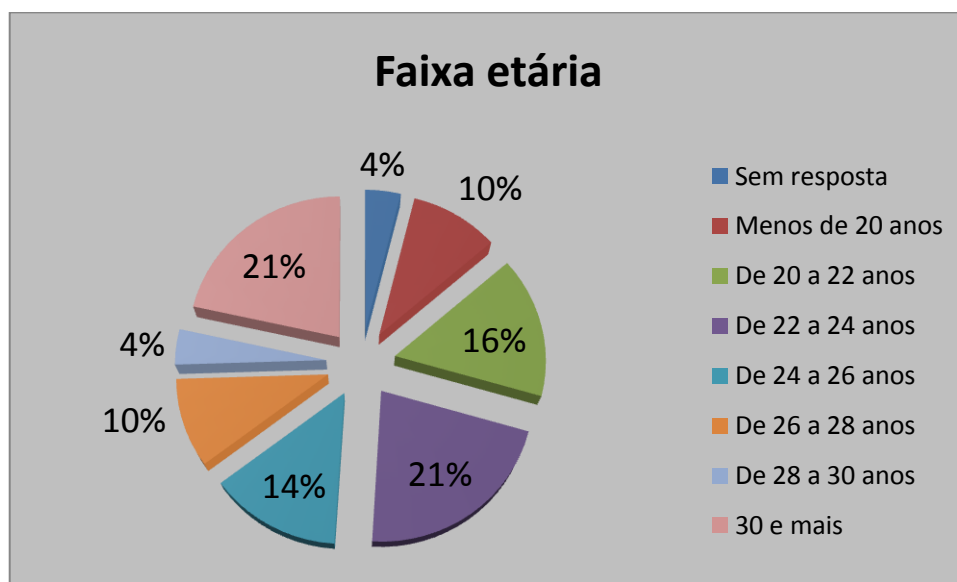


Figura 3. Idade das entrevistadas. Fonte: Elaborada pelo autor.

²⁹ PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO BRASIL. Grande Salvador tem IDH de Europa e África. **PNUD**, Brasil, 27 dez. 2006.

³⁰ TORRES, Juliana; RODRIGUES, Rafael. Mapa deixa clara a concentração de homicídios em bairros pobres. **CORREIO**, Salvador, 22 maio 2012. Disponível em: < <http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/mapa-deixa-clara-a-concentracao-de-homicidios-em-bairros-pobres/>>. Acesso em: 18 jun 2014.

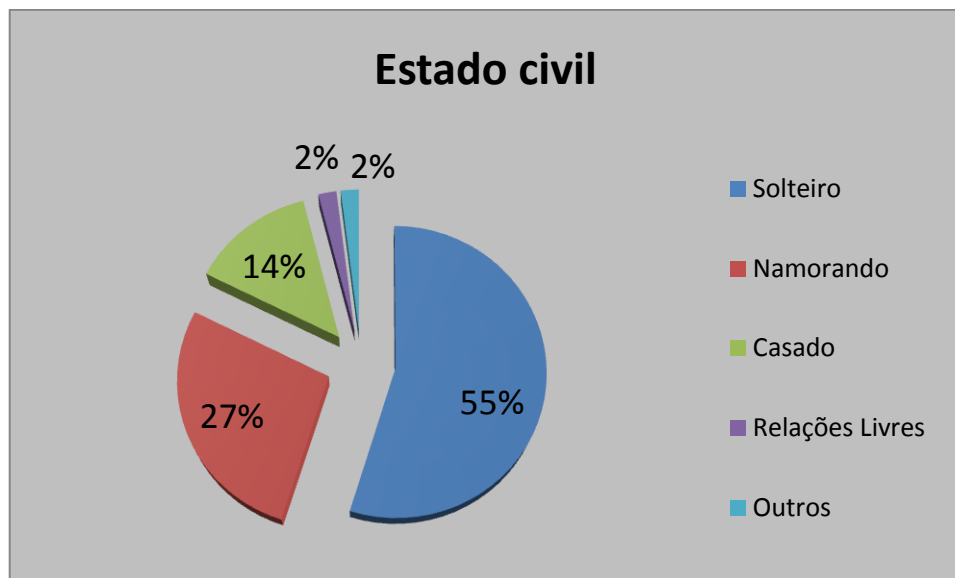


Figura 4. Estado civil das entrevistadas. Fonte: Elaborada pelo autor.

Identificação, classificação das interações.

Quase o total das entrevistadas (96,1%) afirmaram ter passado por uma situação onde um desconhecido interagiu sem o consentimento. As interações mais comuns entre as entrevistadas são: o contato visual incisivo (86,3%), as buzinas e os comentários sobre a aparência (80,4%), e o assovio (78,4%). É notável que estas ações tenham algo em comum; embora sejam perceptivas e capazes de roubar a atenção da mulher em questão, são atos rápidos, corriqueiros e que não envolvem necessariamente toque e/ou proximidade. Esse atos são parte da vida na cidade, logo, seu caráter inofensivo permite que o estranho que aborda se posicionar como um admirador passante. Os comentários sobre a aparência e o assovio, especialmente, são reconhecidos como naturais e divertidos, ligados principalmente a figura do pedreiro³¹ e do trabalhador da construção civil. A representação desta cantada de rua, o assovio do pedreiro, como um lisonjeio capaz de agradar uma mulher, e, eventualmente, levar a um contato mais íntimo tornou o termo “cantada de pedreiro” como uma cantada de teor humorístico³².

³¹ A situação inversa se tornou polêmica em um comercial recente de propaganda de chocolates, cujas frases feministas e igualitárias era causada pelo comportamento anormal induzido pela fome, em SANTOS, Diego. Propaganda mostra “pedreiros” incentivando a luta feminista ao invés de cantadas. **LITERATORTURA**, R7, Brasil, 27 mar 2014. Disponível em: < <http://literatortura.com/2014/03/propaganda-mostra-pedreiros-incentivando-luta-feminista-ao-inves-de-cantadas/>>. Acesso em: 18 jun 2014.

³² Na Irlanda, vestir-se como pedreiro e aplicar cantadas tornou-se um concurso: MCCLEMENTS, FREYA. Concurso premia melhor cantada por assobio. **BBC BRASIL**, 23 jul 2009.

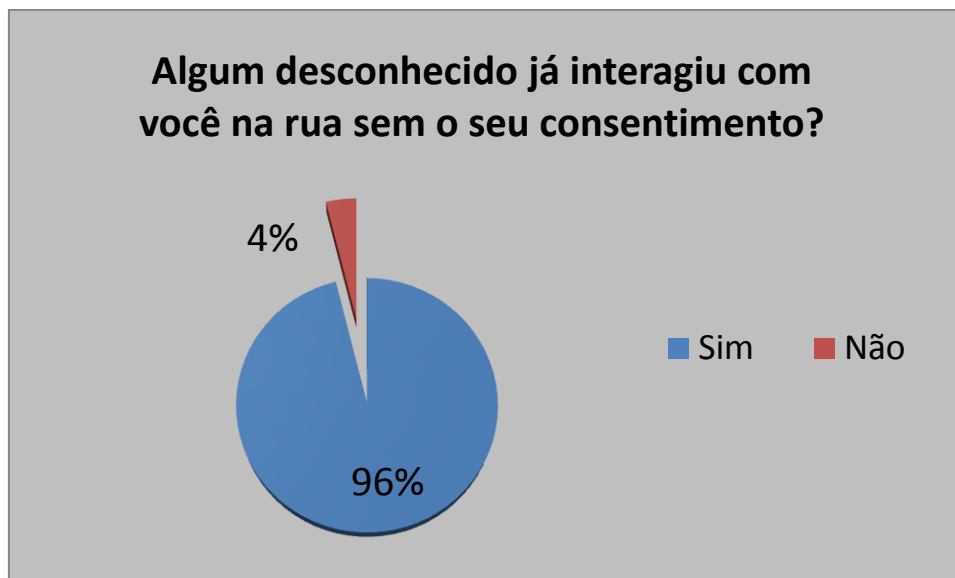


Figura 5. Interação sem consentimento. Fonte: Elaborada pelo autor.

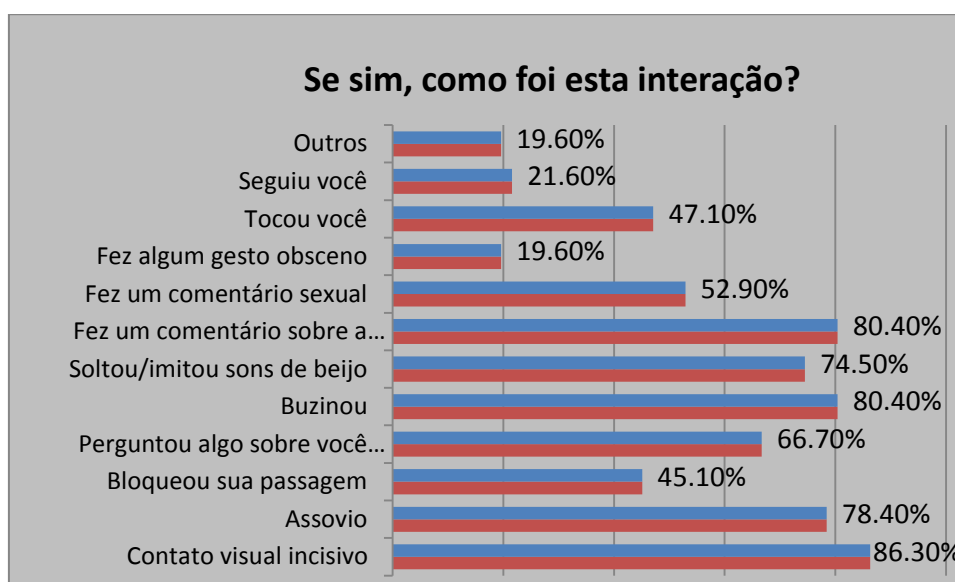


Figura 6. Tipos de interação. Fonte: Elaborada pelo autor.

Segue-se com soltou/imitou sons de beijo (74,5%) e perguntou algo sobre você (nome, número de telefone, etc.) (66,7%) e fez um comentário sexual (52,9%). É importante atentar que quase metade das entrevistadas afirmaram ter passado por situações onde um desconhecido a tocou (47,1 %), que implica não apenas na invasão do espaço pessoal, mas do próprio corpo da mulher passante, o que acaba por descaracterizar a interação como “elogio”. Tocar deliberadamente o corpo de uma estranha que não permitiu esse toque é mostrar seu direito de acesso ao corpo passante. E mais ainda mais alarmante, Bowman (1993) lembra da prática de estupradores de testar, por meio de intimidação e violação do espaço pessoal, as

potenciais vítimas de estupro, ou seja, “a conexão entre estupro e assédio não está apenas na cabeça da mulher” (BOWMAN, 1993, p.536, tradução nossa³³). Outras abordagens invasivas como bloquear a passagem (45,1%) e seguir (21,6%) foram constantes, demonstrando o quão comum é esse fenômeno para as entrevistadas. Corroborando as respostas, as entrevistadas que afirmaram ter passado por outros tipos de interação, descreveram situações ainda mais graves de assédio:

“Se masturbou na minha frente.” (Entrevistada 44)

“No transbordo do shopping Iguatemi tentou filmar minhas partes íntimas com uma câmera escondida dentro de uma bolsa no chão (estava de vestido). Me perseguiu e me perguntou se não queria sair com ele.” (Entrevistada 24)

“Mostrou a genitália.” (Entrevistada 20)

Os locais onde essa prática mais ocorreu foram os locais de passagem, onde há mais trânsito de pessoas: calçadas/rua (64,7%), ponto de ônibus (54,9%), entradas de estabelecimentos (47,1%) e ônibus/van (37,3%). Esses locais preservam o anonimato de seus transeuntes, tendo um grande fluxo de pessoas, configurando-se em “terras de ninguém”, antros da imprevisibilidade. Em consonância, Da Matta (1997b) “(...) até hoje a sociedade parece fiel à sua visão interna do espaço da rua como algo movimentado, propício a desgraças e roubos, local onde as pessoas podem ser confundidas com indigentes e tomadas pelo que não são.”.

As cantadas de rua estão principalmente ligadas a esses espaços onde há espaço para interação, e mesmo assim, manter o anonimato. É importante perceber que mulher está mais suscetível a passar por esses lugares: as mulheres que utilizam o transporte público, ou seja, as que não possuem carro próprio. Poder aquisitivo também se torna uma variável influente para compreender a frequência com a qual a cantada de rua acontece. Assim, dentro de estabelecimentos (31,4%), em *shoppings centers* (29,4), dentro da universidade (21,6%) e na entrada da universidade (15,7%) seguiram como mais comuns. O menos marcado foi no trabalho (13,7%).

³³ “(...) the connexion between rape and harassment is not just in the mind of the women”

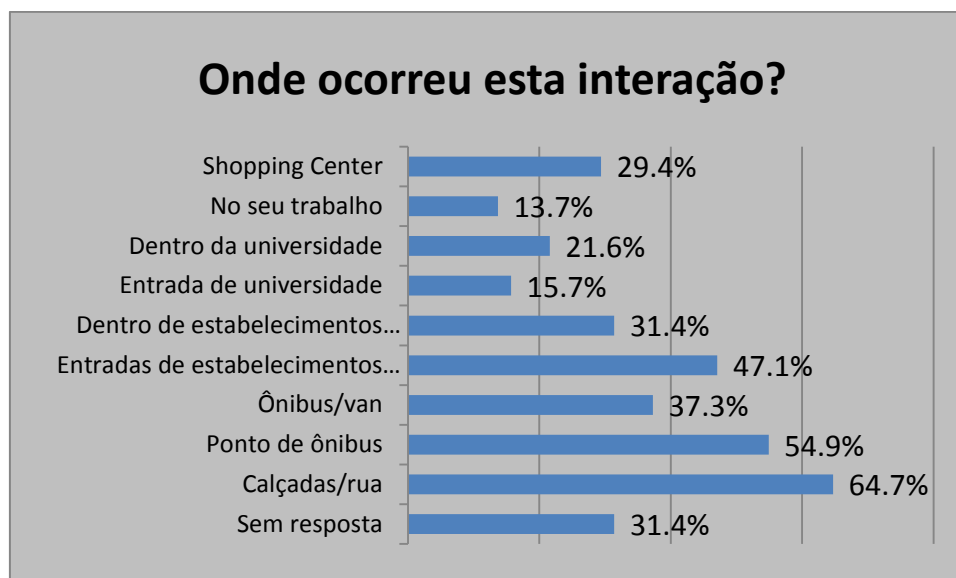


Figura 7. Locais de ocorrência. Fonte: Elaborada pelo autor.

Percepção, impacto e reação às abordagens.

Ao perguntar como as entrevistadas se sentiram em relação ao ocorrido, a maioria das respostas continham referências aos sentimentos de vergonha e constrangimento. É interessante observar nas próprias respostas das entrevistadas uma divisão sobre o tipo de cantada:

“Os casos mais leves como assovio e o comentário sobre a aparência massagearam meu ego, enquanto os outros me fizeram sentir constrangida.”
(Entrevistada 20)

“Às vezes, agradecida. Às vezes, muito ofendida e aborrecida.”
(Entrevistada 46)

As cantadas não têm um padrão e dependendo do momento e a forma que ocorra, as entrevistadas podem interpretá-las como um simples elogio. Entretanto, outras respostas evidenciam que a abordagem do homem estranho, e os comentários deles atraem a atenção dos outros passantes e expõem a mulher que passa.

“Envergonhada/exposta.” (Entrevistada 43)

“Envergonhada, já que esta ação pode chamar atenção.” (Entrevistada 18)

Chamar a atenção, se expor, pode ser uma ação com conseqüências negativas para a mulher, cujos conselhos para adaptação no espaço público pedem que chame o mínimo de atenção para si (GARDNER, 1995). Dada a diferenciação entre cantadas simpáticas e constrangedoras, é possível que essa sensação de constrangimento e vergonha ocorra pelo componente sexual, afinal, não apenas por ter sido abordada por um homem estranho, a personificação da violência, mas especialmente por se tratar de mulheres, cuja expressão da sexualidade é historicamente reprimida, como lembra Sardenberg:

Nas sociedades ocidentais, sexo e reprodução têm sido alocados comumente ao âmbito da família, devidamente constituída nos moldes tradicionais a partir do casamento, e sob a égide da heteronormatividade e das bênçãos da Igreja. Mas isso tem se aplicado mais no caso das mulheres; para os homens, sexo e reprodução têm sido quase sempre dissociados, sendo-lhes permitido ter sexo por prazer, fora do casamento, e reservar sexo para reprodução para o âmbito familiar. (SARDENBERG, 2012, p.67)

Mas, especialmente, a vergonha e o constrangimento associada ao corpo entre essas mulheres sob o olhar masculino, em um espaço aberto, pode resultar da sensação de exposição e impotência por uma clara relação de poderes:

A probabilidade de vivenciar com desagrado o próprio corpo, o mal-estar, a timidez ou a vergonha são tanto mais fortes quanto maior a desproporção entre o corpo socialmente exigido e a relação prática com o próprio corpo imposta pelos olhares e as reações dos outros. Ela varia nitidamente segundo o sexo e a posição no espaço social. (BOURDIEU, 2010 p. 81)

Dessa forma, é compreensível que algumas respostas invoquem sentimentos tão negativos como medo, revolta e nervosismo:

“Acho agressivo, grosseiro, é um tipo de violência, desrespeitada.” (Entrevistada 35)

“Envergonhada, constrangida, com algum grau de culpa, com raiva, ódio, vontade de revidar violentamente.” (Entrevistada 32)

“Sempre nessas situações dá: raiva, medo, nervosismo, inquietação, nojo.” (Entrevistada 30)

A sensação de violação é clara pela ação invasiva do outro e pelo silenciamento do consentimento. Assim como alguns estudos (FARCHILD, RUDMAN, 2008; KEARL, 2010) ligam o assédio de rua ao medo de estupro e restrição de movimento, a noção de que a cantada pode se configurar como uma violação ou levar à violência física aparece em algumas respostas:

“Me senti violada, constrangida e muitas vezes humilhada.” (Entrevistada 33)

“Me senti violentada, invadida, como se fosse coisa, meu corpo como objeto de prazer masculino.” (Entrevistada 44)

“Extremamente constrangida, amedrontada (pois eu não sei qual seria sua intenção/ação).” (Entrevistada 25)

A vigilância constante dos “grupos de homens” e “olhares” gera a sensação de medo e insegurança, a invasão do espaço pessoal se agrava por ser realizada por um homem estranho, que pode significar qualquer homem na rua. Bernard e Schladffer (1984) sugere ainda que além de significar que esse “homem na rua” é todo e qualquer homem, seu comportamento serve para identificá-lo como membro da classe dominante a qual a rua e o espaço público pertencem. Assim, o espaço público se configurando como um “lugar de homens”, e, as mulheres, sendo socializadas para colocar e temer os homens como potenciais agressores, reconhecem seu não-pertencimento e a insegurança deste território. Deste modo Lord (2009) observa, o ato de evitar homens leva as mulheres a evitar os espaços públicos. Esta noção se tornou bastante clara nas respostas quando lhes foram perguntadas se as cantadas de rua afetavam o seu dia-a-dia e se sim, como isso se dava. Assim as entrevistadas que afirmavam que sim (49%) descreveram em suas respostas como sua relação com o espaço público era modificada:

“Evito passar por determinados lugares/ando de cabeça baixa.” (Entrevistada 51)

“Isso impede que eu circule na cidade com segurança e sem medo de ser violentada sexualmente.” (Entrevistada 44)

“Porque deixa a gente mais assustada em andar na rua.” (Entrevistada 30)

Bernard e Schlaffer (1984) já haviam comentado sobre o “medo obscuro” nas respostas às ações mais intimidadoras. Considerando que a pergunta menciona “afetar”, as entrevistadas têm consciência de que esses atos de estranhos têm impacto sobre elas e sobre a maneira como vivem. Entretanto, algumas das entrevistadas diferenciavam o tipo de abordagem na rua, e expressando reações diferentes de acordo com a forma com a qual eram interpeladas, separando “agressividade” – geralmente ligada a uma expressão mais direta do apelo sexual-, a um elogio, que afirmaria sua capacidade de ser notada, apreciada:

“Às vezes, quando é elogio, fico mais feliz. Porém quando é inconveniente, fico irritada.” (Entrevistada 17)

“Muitas vezes não é feita de forma agressiva, deixa um pouco vaidosa” (Entrevistada 33)

“Quando é elogio a beleza, me sinto bem.” (Entrevistada 36)

“Dependendo dos mesmos, podem elevar a auto-estima ou até mesmo o contrário. É ruim não ser notado.” (Entrevistada 46)

É importante ressaltar que há sentimentos positivos relacionados aos elogios e à admiração. De fato, se é esperado que mulheres sejam exaltadas pela sua beleza, suas roupas e adornos, e a cantada (seja na rua e/ou em espaços fechados) é normalizada justamente por pressupor que mulheres se sintam lisonjeadas por serem notadas pelo olhar masculino:

Tendo necessidade do olhar do outro para se constituírem, elas estão continuamente orientadas em sua prática pela avaliação antecipada do apreço que sua aparência corporal e sua maneira de portar o corpo e exibi-lo poderão receber (daí uma propensão, mais ou menos marcada, à autodepreciação e à incorporação do julgamento social sob forma de desagrado do próprio corpo ou de timidez). (BOURDIEU, 2010 p. 117).

Esse olhar masculino que as recompensa também reafirma seu status como mulher, sujeitas a avaliação, o que Kissling (1991) considera uma parte de uma estratégia maior de controle social através de terrorismo sexual. Terrorismo sexual é um sistema onde homens amedrontam e através desse medo, controlam e dominam-as (Sheffield, 1987, apud. Kissling 1991, p. 456). Assédio de rua não é produto de uma cultura sexualmente terrorista, mas ajuda a criar um ambiente de medo, especialmente o medo de estupro. Esse ambiente é criado inclusive por comentários simpáticos, segundo a autora, que lembram da mulher seu status e vulnerabilidade.

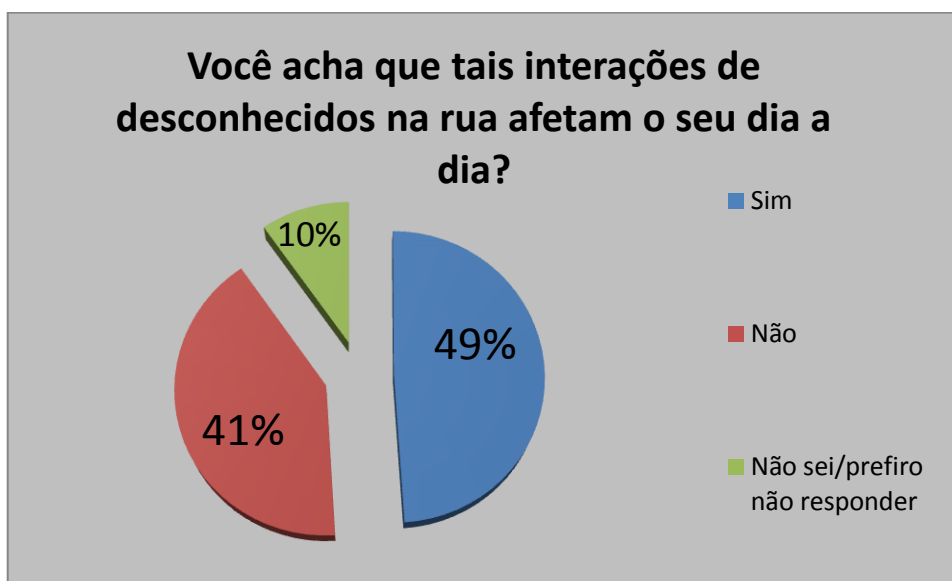


Figura 8. Percepção sobre o impacto da cantada. Fonte: Elaborada pelo autor.

Procurando ir mais fundo no impacto na vida cotidiana dessas mulheres, as perguntas seguintes procuraram saber se as entrevistadas fazem algo para evitar as cantadas e quais são suas ações. Cerca de 63% disseram já ter agido para evitar interações com desconhecidos. As estratégias mais comuns entre as respostas escritas incluíam desviar de alguma forma o caminho e/ou ignorar, sendo que estas também foram as respostas mais marcadas

(Ignorou/fingiu não ver, 39,2%; Evitou contato, 35,1%) quando questionadas sobre como responderam às interações quando o fizeram, ou seja, a pergunta seguinte (depois de afirmarem que responderam ou tencionaram responder às interações com desconhecidos na rua. Além dessas duas respostas, a terceira mais marcada foi “respondeu de forma simpática” (27,5%).

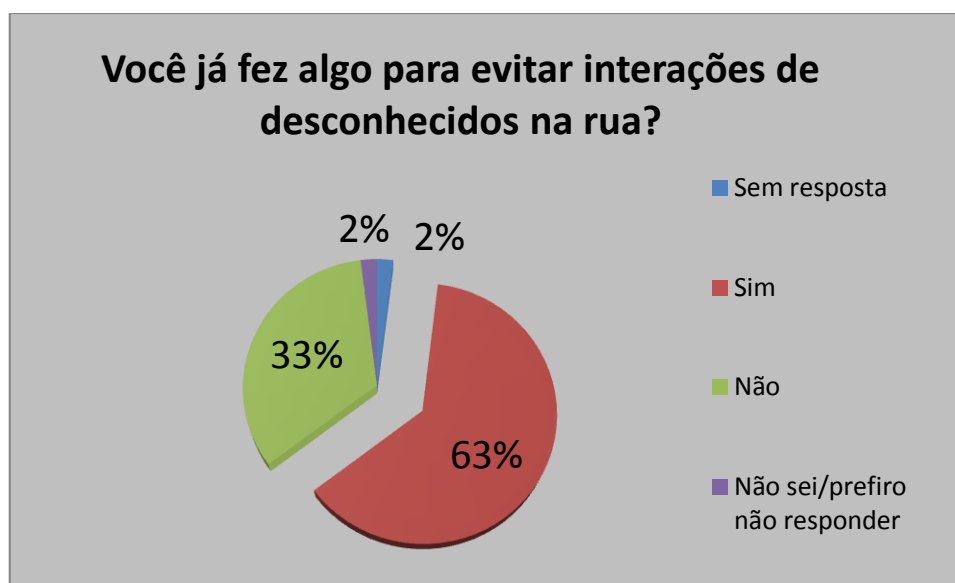


Figura 9. Evitar as interações. Fonte: Elaborada pelo autor.

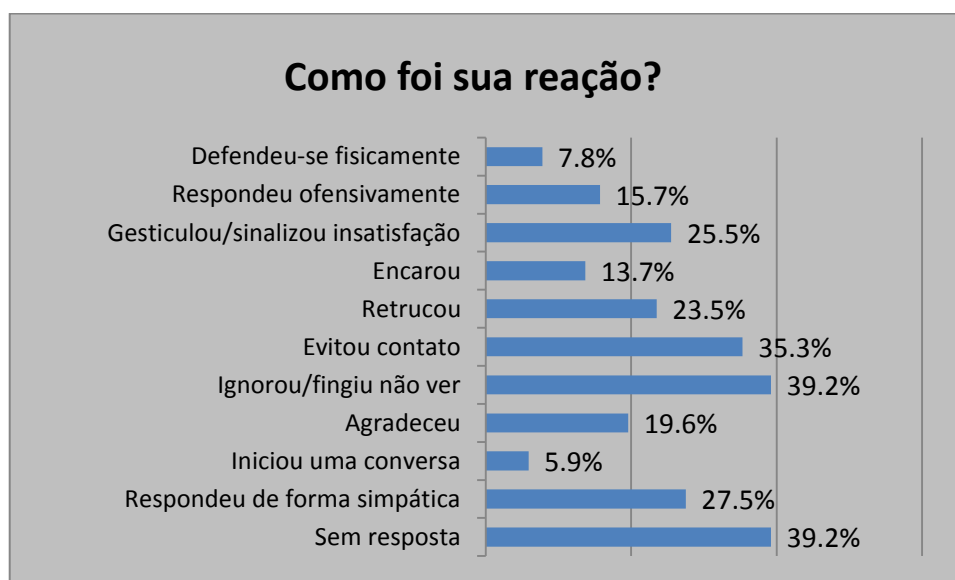


Figura 10. Reação à interação. Fonte: Elaborada pelo autor.

Ao tratar do comportamento nos espaços públicos, Goffman (1969) conceitua “pessoas abertas” (open persons), que em sua passagem pelos locais públicos são expostas.

Mulheres, como pessoas abertas, não têm o direito de passarem despercebidas e evitarem contato. A consonância das respostas passivas e da rejeição do confronto condiz com o que os estudos sobre o assédio de rua:

Nossa cultura espera que as mulheres sejam amigáveis. Aeroomoças e garçonetes devem continuar amigáveis quando apalpadadas; secretárias, quando beliscadas e correndo para o café do chefe; mulheres na rua quando “assediadas como um pedaço de carne”. Em cada um desses casos, afabilidade é o resultado do trabalho emocional da mulher, a concordância com o medo de ser despedida, ser machucada – do seu medo de homens. (Di LEONARDO, p.53, tradução nossa³⁴)

Algumas ações descritas pelas entrevistadas para evitar as abordagens envolviam a escolha de certas roupas e a vigilância do próprio corpo:

“Evito andar com roupas insinuantes e passar por locais com muitos homens.” (Entrevistada 17)

“Evitar certos tipos de vestimenta e maquiagem.” (Entrevistada 18)

“Desvio o caminho, a depender do horário evito shorts curtos e blusas.” (Entrevistada 25)

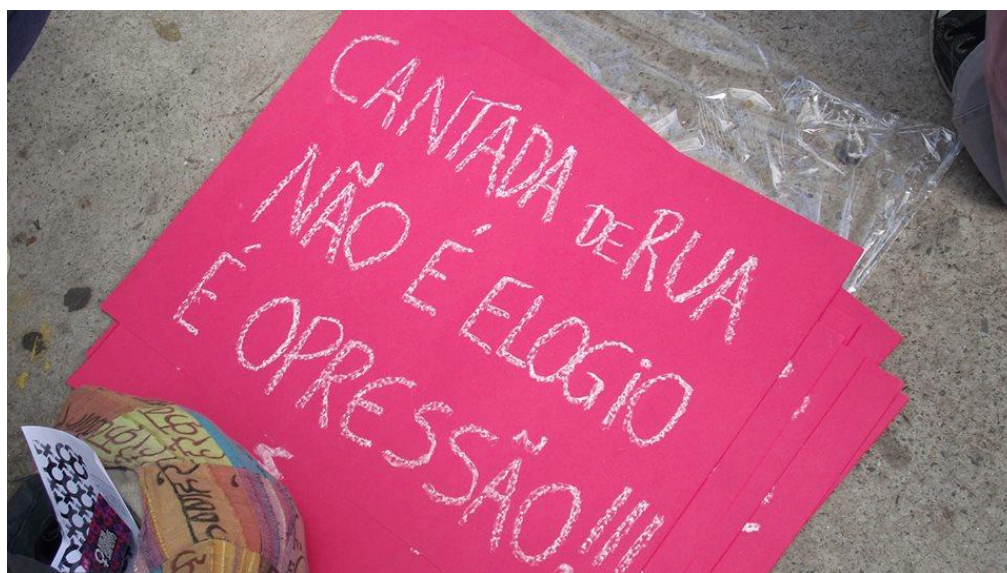
“Se estou usando algo mais decotado, ou que mostre o colo, ando com casaco ou pano para me cobrir.” (Entrevistada 32)

A preocupação com a exposição do corpo reflete não apenas a ideia de que uma mulher deve se cobrir na frente de homens ou em um espaço predominantemente masculino, mas que a culpa da conduta masculina é do seu próprio comportamento – que a mulher, supostamente, passou alguma mensagem que incentivou ou justificou as ações dele. Sobre esse ponto, Brooks observa que:

³⁴ Our culture expects women to be friendly. Flight attendants and waitress are supposed to remain friendly hen pawed; secretaries, when pinched and running for boss’s café; women in the street when “hassled like a piece of meat”. In each of this cases, friendliness is the result of the woman’s emotion-work, her acquiescence of her fear of being fired.being hurt – of her fear of men.”

Uma observação típica condena mulheres que se vestem "para mostrar seus corpos." Outra observação típica sugeriu que os homens bastante razoavelmente assumem da sua experiência que essas mulheres eram "abertas" ou "putas", e que tais mulheres apreciam assédio público de qualquer tipo. (GARDNER, 1995, p.181, tradução nossa³⁵)

A noção de que usar determinados tipos de roupa (“muito sexuais”) é responsável pelo assédio, abuso ou violência contra a mulher se enquadra no chamado slut-shaming, o ato de atacar uma mulher por sua conduta sexual, suas roupas ou modo de se portar, e que vem sendo denunciado por grupos de mulheres, geralmente nas SlutWalks (marcha das vadias, em português)³⁶. A Marcha das Vadias foi motivada pelas reações à fala de um policial canadense que aconselhou estudantes a não se vestirem como “vadias” para evitar estupro. Nessas manifestações, que ocorrem em inúmeros países, incluindo o Brasil, além de denunciar a culpabilização das vítimas de estupro, as mulheres também reclamam liberdade sexual, respeito e o direito ao espaço público. Elas são auto-organizadas, e muitas das participantes vão com roupas justas, curtas, ou com os seios à mostra. No corpo, pintam-se de tinta e carregam cartazes, re-afirmando o caráter de emancipação sexual das marchas.



³⁵ “A typical remark condemned women who dress "to show off their bodies." Another typical remark suggested that men quite reasonably assumed from their experience that these women were "loose" or "sluts," and that such women appreciated public harassment of any type.”

³⁶ VALENTI, Jessica. SlutWalks and the future of feminism. *The Washington Post*, Washington DC, EUA, 3 jun. 2009. Disponível em: < http://www.washingtonpost.com/opinions/slutwalks-and-the-future-of-feminism/2011/06/01/AGjB9LIH_story.html>. Acesso em: 18 de junho de 2014.

Figura 11. Cartaz da Marcha das vadias 2013 em São Paulo. Fonte: FACEBOOK.³⁷

Entretanto, essa responsabilização da conduta feminina pelas violências e invasões que sofrem ainda permanece nas respostas dadas sobre o que fazem para evitar o comportamento indesejado, há no discurso das entrevistadas referências à mudanças na escolha de roupas, e também, de uma vigilância do modo de agir:

“Passei a usar roupas menos justas. E evito olhar muito para os lados e homens, pois parece que um olhar convida a cantada.” (Entrevistada 24)

Apenas 5,9% das entrevistadas afirmaram ter iniciado uma conversa em resposta à abordagem de um estranho na rua, convergindo com as respostas dadas quando questionadas se já tiveram relacionamento amigáveis/afetivos/sexuais com alguém que lhe passou uma cantada de rua, onde apenas 9,8% das entrevistadas marcaram o sim. A expressiva maioria (86,3%) afirmou não ter tido. Essa resposta é importante para re-afirmar a condição de interação de contato entre desconhecidos que não tende a um contato prolongado. Mesmo se a cantada-de-rua possuísse a intenção de desenvolvimento de um relacionamento de qualquer dessas naturezas, isso não acontece em sua maioria.

Diferenciação das abordagens.

A maior parte das entrevistadas também afirmaram (67%) que não observavam diferenças entre as cantadas na rua das cantadas em espaços fechados. As que afirmaram notar diferenciação (33%) chamaram a atenção para a conduta de quem a abordava em relação às possibilidades oferecidas por cada espaço, como a proximidade oferecida pelos espaços fechados contrastando com o anonimato das ruas:

“Em um espaço fechado, podemos sentar e conversar. Não sou um pedaço de "carne".” (Entrevistada 6)

“Na rua, a cantada é mais baixo-astral. Numa festa ou em local fechado, é mais "séria".” (Entrevistada 2)

³⁷ FACEBOOK. **Marcha das Vadias Sampa**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=374328846005753&set=a.374328706005767.1073741833.240302076075098&type=3&theater>> Acesso em: 18 de jun. 2014.

“Em espaços fechados você conhece um pouco o interesse do outro, e existe uma possibilidade mútua. Já na rua é muito mais perigoso.” (Entrevistada 24)

As perguntas finais tinham como objetivo entender a percepção das entrevistadas sobre as cantadas enquanto sós e as que recebiam enquanto acompanhadas de um homem: haveria diferença? Para a maioria (55%), há uma mudança nas abordagens quando há uma companhia masculina. Ao detalharem sobre a diferença, as respostas se centraram em respeito, sensação de segurança e inibição de certos tipos de cantada.

“Existe uma barreira, com um homem do lado, este tipo de conduta não acontece.” (Entrevistada 23)

“Há um respeito tácito à figura masculina que inibe algumas cantadas, como se fosse propriedade do homem ao meu lado, e, por essa razão, não pudesse ser objeto das cantadas. Isso muda se a figura masculina for gay (visivelmente).” (Entrevistada 32)

“Os homens não se aproximam, pressupondo que uma mulher acompanhada por um homem seria um casal. Vale ressaltar que quando eles não percebem a presença de um homem inicialmente, e soltam uma cantada, logo depois de ver que a mulher está acompanhada, pedem desculpa ao cara e não a mulher.” (Entrevistada 44)

“Respeitam mais uma mulher acompanhada que sozinha.” (35)

A sensação de proteção/segurança que a figura masculina gera é comentada por Carol Brooks Gardner, quando a autora revê os conselhos dados as mulheres e analisa a “companhia aparente” como estratégia de prevenção de ataques ou investidas masculinas a ponto de ser risível o fato de uma mulher sair sozinha em determinados horários e lugares.

“Uma precaução chave para o comportamento do público simplesmente aconselha a mulher sozinha em público para não ficar sozinha ou, pelo menos, para não parecer só: as próprias mulheres dizem que se sentem como se deveriam ter ou simular uma escolta masculina, desde que os atacantes,

presumivelmente, evitam esta frente fortalecida.” (GARDNER, 1995, p. 30, tradução nossa³⁸)

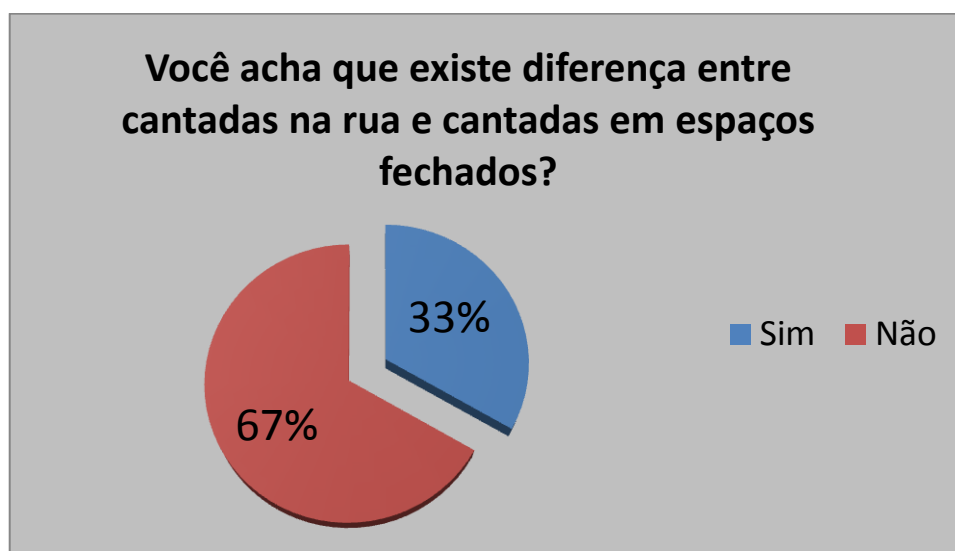


Figura 12. Diferenciação por espaços. Fonte: Elaborada pelo autor.

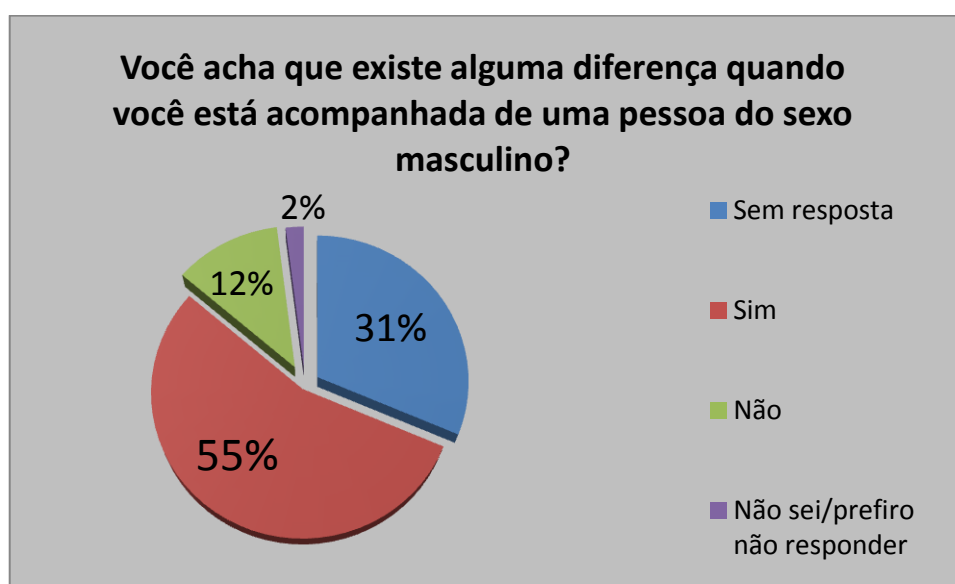


Figura 13. Diferenciação com companhia masculina. Fonte: Elaborada pelo autor.

Algumas entrevistadas afirmaram que não aconteciam cantadas enquanto acompanhadas e já outras afirmaram que há apenas olhares ou uma demonstração silenciosa:

³⁸ “One key precaution for public behavior simply counsels the woman alone in public not to be alone or, at least, not to seem alone: women themselves say they feel they should effect or simulate a man escort, since attackers will presumably shy away from this strengthened front.”

“Parece que pelo fato de estar acompanhada amedronta os homens, pois eles ficam só no olhar, sem falar nada. “ (Entrevistada 17)

O conselho de não sair acompanhada parece surtir efeito à custa da liberdade de ir e vir desacompanhada. A “barreira” de uma presença masculina retira a sensação de corpo exposto que uma mulher, enquanto pessoa aberta, sente ao caminhar nos espaços públicos. Seja respeito ao homem ao seu lado ou pelo aparente relacionamento, a aproximação é dificultada ou inexistente.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Para refletir sobre o impacto da cantada de rua é necessário compreendê-la. Essa experiência, embora comum para mulheres, é solitária e silenciosa. Com a emergência de grupos que reivindicam a atenção para a prática, sua existência se torna assunto, mas, ainda assim, os debates não chegam a todas as mulheres. O percurso para a realização da pesquisa foi, portanto, um caminho de experimentações. Falar sobre um assunto que recebe tão pouca atenção acadêmica exigiu uma confecção de trabalhos das mais diversas áreas e lugares, cujas denominações divergiam e os pontos de vista eram múltiplos.

A construção do questionário e foi um exercício de observação cautelosa: tornar as perguntas convidativas, mas não invasivas. Considerar as inúmeras percepções sobre a cantada incluía a rejeição ao tema, experiências traumáticas ou, até mesmo, desconhecimento. A aplicação do questionário e suas respostas trouxeram surpresas, achados e confirmações. A recepção das entrevistadas ao questionário confirmava que a cantada de rua era algo conhecido e comum nas suas vidas. As indagações recebidas sobre o porquê da escolha do tema, a incredulidade pelo interesse, demonstravam o quão banal o assunto parece ser. A receptividade para responder as perguntas desmistificava uma possível rejeição do tema.

Ao perguntar se havia impactos na vivência feminina nos espaços públicos era preciso indagar a essas mulheres se e como se sentiam afetadas no seu dia-a-dia. Mas antes foi preciso que descrever o que a cantada de rua de rua foi para essas mulheres – foi preciso falar sobre o fenômeno real, e não o que pertence ao imaginário popular e/ou suas representações.

A maior parte das respostas corroborava o ato de sair de casa se como mais complexo devido à probabilidade da abordagem indesejada de estranhos. Cobrir-se, desviar, calcular o caminho mais seguro, evitar grupos de homens, todas essas ações requerem uma compreensão da prática como freqüente e próxima, passível de ocorrer a qualquer momento o espaço público tenha sido adentrado. Outras respostas, entretanto, retratavam as cantadas de rua como uma adição à auto-estima. Ao existir essa diferenciação entre o que é elogio e o que é uma invasão, compreende-se que as mulheres passaram por ambas as situações. Isso contribui para a dificuldade de atribuir conotações negativas ou positivas à prática, mas demonstra que há limites para as interações, mesmo que estas não pretendam ofender ou agredir. A imprevisibilidade das ruas e o imaginário dos espaços públicos como espaços de ninguém adicionam o fator perigo ao que poderia ser um simples cumprimento.

De fato, as abordagens acontecem em ruas, calçadas, ônibus, frente de estabelecimentos, em lugares praticamente inevitáveis na vida moderna. Esses assovios, comentários, olhares e toques obrigam a mulher na rua a dar atenção, a escutar, a ver um completo estranho invadindo seu espaço pessoal. Esta mulher é lembrada que é passível de ser medida, sexualizada e agredida. A vergonha, recorrente nas respostas sobre como se sentiam, é justificada ao supor o nível de intimidade forçada por um estranho que tece comentários sexuais e sobre o corpo, quando esses temas são tão problemáticos na socialização enquanto mulher.

Convivendo com essa prática, estratégias para lidar com a situação são criadas. As suas atitudes no cotidiano são modificadas em pequenos aspectos, mas que evidenciam o impacto nas suas decisões. O banimento de horários e locais impróprios para frequentar, a escolha de quais roupas são adequadas e o constante desviar e ignorar são ações que podem ser acostumadas. Entretanto, nem todas as mulheres que fazem algo para evitar as cantadas de rua acreditam que esta as afeta. Isso significa que o pensar e decidir como transitar pelo espaço pode já estar naturalizado no seu cotidiano, a tal ponto que isto não aparenta lhe causar danos.

As entrevistadas, em sua maioria, não diferenciavam as cantadas em espaços abertos e fechados. As cantadas de rua podem pertencer ao espaço público como um todo. Foi notado, porém, elas podem apresentar um lado positivo especialmente quando é possível quebrar a barreira do anonimato, quando o estranho agora pode ser identificado.

Pensar gênero enquanto ato performativo é crucial ao pensar a cantada de rua: ao observar o comportamento sexualmente aberto e penetrador masculino, e, especialmente as estratégias femininas para terminar ou simplesmente, não iniciar, sempre evitando confronto e reprimindo-se, fugindo, diminuindo-se. As reações femininas às abordagens tendem a ser simpáticas e suas tentativas de evitar envolvem a restrição de seu próprio corpo e movimento. Assim, é possível entender o quanto as ações masculinas frente a essas mulheres são tão corriqueiras – e portanto impunes -, quando se situa o espaço público como um “espaço de homens”. A mensagem passada lembra as mulheres seu não-pertencimento e reproduzem as relações de gênero sob um disfarce despretensioso e charmoso. As mulheres se tornam as “musas” da rua, e seu consentimento é apagado. Restrições e conselhos populares sobre o lugar da mulher se mostram vivos nas explicações de suas condutas pessoais no mundo público. Há horários, lugares e espaços para mulheres, acompanhadas ou não. As respostas foram esclarecedoras nesse sentido: sua proteção ainda depende do temor inspirado por outro

homem ao seu lado. A tutoria masculina pode ser aparente, mas ainda se faz necessária para evitar abordagens indesejadas.

Mesmo com a hipótese sendo confirmada, muitos outros pontos de vista foram demonstrados conjuntamente. A cantada de rua não é uma prática padronizada e as abordagens passeiam entre galanteio, assédio, agressão. A descrição de como e quando acontece, quais as reações das mulheres tornam mais palpável este evento diário nas grandes metrópoles que tem sido tão pouco estudado. Ainda que o presente trabalho não tenha se proposto a oferecer soluções e medidas para lidar com a cantada de rua, esperou-se que as informações obtidas e a discussão gerada colaborem para que estudos futuros o façam. Esperou-se principalmente que, com esta pesquisa e análise, ainda que pequena, se torne mais visível a dificuldade de mulheres transitarem sentindo-se seguras por espaços comuns e necessários ao exercício de atividades exigidas para a manutenção da sua sobrevivência.

REFERÊNCIAS

ABOIM, Sofia. Do público e do privado: uma perspectiva de género sobre uma dicotomia moderna. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 20, n. 1, Apr. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 jul. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2012000100006>.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983.

ARMSTRONG, C; SQUIRES, JA. Beyond the Public/Private Dichotomy: relational space and sexual inequalities. *Contemporary Political Theory*, 2002, vol 1, pp. 261 - 283.

BABBIE, Earl R. **Métodos de pesquisa de survey**. Tradução de Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 2, Aug. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2011000200016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016>.

BOBBIO, Norberto. “A grande dicotomia: público/privado”. **In Estado, governo, sociedade: para uma teoria geral da política**, trad. por Marco Aurélio Nogueira, 4a ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995, p. 13-14.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil., 2010.

BOWMAN, Cynthia Grant, Street Harassment and the Informal Ghettoization of Women. **Cornell Law Faculty Publications**, Paper 142, 1993.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**; Trad. Renato

Aguiar. – 2º ed. – Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2008.

BUTLER, Judith. “Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory.” **Theatre Journal**, Vol. 40, No. 4 (Dec 1988) pp. 519-531.

BERNARD, Cheryl and Edith Schaffer. “The Man in the Street: Why He Harasses.” In **Feminist Frameworks**, edited by Allison M. Jaggar and Paula S. Rothenberg. New York: McGraw Hill, 1984.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Estudos Feministas**. 1/2002.

DA MATTA, Roberto. **A casa & a Rua**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997a.

_____. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro** 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997b.

di LEONARDO, Micaela. Political Economy of Street Harassment. **Aegis** (Summer 1981): 51-57.

DIMEN, Muriel. Poder, sexualidade e intimidade. In: JAGGAR, Alison M. e BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

FAIRCHILD, Kimberly and RUDMAN, Laurie A.. “Everyday Stranger Harassment and Women’s Self-Objectification.” **Social Justice Research**, 21 (3), 2008, pp. 338-357.

FRASER, Nancy. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. **Estudos Feministas, Florianópolis**, 15(2): 240, maio-agosto/2007.

GARDNER, Carol Brooks. **Passing by: gender and public harassment**. Berkeley: University of California Press, 1995.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 1975.

_____. The arrangement between the sexes. **Theory and Society**, 1977, 4, pp. 301-331

_____. "Gender display". In **Gender Advertisements**, 1-9. New York: Harper Torchbooks. Hall, Kira, 1976.

_____. **Behavior in Public Places: Notes on the Social Organization of Gathering**. New York: Free Press, 1969.

GOMES, Nadielene Pereira et al . Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 20, n. 4, Dec. 2007 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000400020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 jul. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002007000400020>.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. **Antropologia em 1a mão**, Florianópolis, UFSC/PPGAS, 1998.

JASPARD, M. ET EQUIPE ENVEFF. 2001. Nommer et compter les violences envers les femmes : une première enquête nationale en France. **Population et Sociétés**, No. 364

KEARL, Holly. **Stop Street Harassment: Making Public Places Safe and Welcoming for Women**. Santa Barbara, CA: Praeger Publishers, 2010.

KISSLING, Elizabeth Arveda. Street harassment: the language of sexual terrorism. **Discourse and Society**, 1991. 2: p. 451—460.

LANIYA, Olatokunbo Olukemi. Street Smut: Gender, Media, and the Legal Power Dynamics of Street Harassment, or 'Hey Sexy' and Other Verbal Ejaculations. **Columbia Journal of Gender and Law** 14, 2005, pp. 91-115.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004

_____. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 9-34.

LORD, Tracy Lynn. *The Relationship of Gender-Based Public Harassment to Body Image, Self-Esteem, and Avoidance Behavior*. Ph.D. Thesis at Indiana University of Pennsylvania, 2009.

MEZA DE LUNA, María Elena. El acoso en lugares públicos: Experiencias y percepciones de adolescentes mexicanos. **En-clav. pen**, México , v. 7, n. 14, dic. 2013 . Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-879X2013000200008&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 20 jul. 2014.

DE LUCENA, Mariana. "OS DEBATES DO MOVIMENTO FEMINISTA: DO MOVIMENTO SUFRAGISTA AO FEMINISMO MULTICULTURAL" **17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero** (2012): n. pág. Web. 19 Jul. 2014

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica de normalização. **Revista Sociologias**, v. 11, n. 21. p.150-182, 2009

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis , v. 16, n. 2, Aug. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2008000200002>.

O'NEILL, Jarrah. **Gender in Public Space: Policy Frameworks and the Failure to Prevent Street Harassment**. Senior thesis at Woodrow Wilson School of Public and International Affairs, Princeton University, 2013

PATEMAN, C. **O contrato sexual**. Rio: Paz e Terra, 1993.

SARDENBERG, C.; MACEDO, M. S. Relações de gênero: uma breve introdução ao tema. In: COSTA, A. A.; RODRIGUES, A. T.; VANIN, I. M. (horas.). **Ensino e gênero: perspectivas transversais**. Salvador: NEIM/UFBA, 2008, v. 1, p. 9-27

VENTURELLI, Sandra Olades Martins. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESFERA PÚBLICA. **Revista CEPPG - CESUC - Centro de Ensino Superior de Catalão**, Ano XIII, Nº 23 - 2º Semestre/2010, pp. 37-50.

VIEIRA, Nancy Rita Ferreira: **Mulheres no umbral**: representação literária da casa e da rua na literatura baiana de autoria feminina. 2005. 268 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia.